

**Um anarquista em Coimbra.
João Evangelista Campos Lima e a greve académica de 1907**

***An anarchist in Coimbra.
João Evangelista Campos Lima and the academic strike of 1907***

José Eduardo Gama

Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura, Faculdade de Letras

e23gama@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-6186-0871>

Texto recebido em / Text submitted on: 29/01/2026

Texto aprovado em / Text approved on: 21/04/2026

Resumo

O presente artigo pretende analisar o percurso do militante anarquista João Evangelista Campos Lima, enquanto estudante em Coimbra, e a sua intensa atividade propagandística, ao mesmo tempo que analisa a presença do pensamento anarquista no meio coimbrão na segunda metade do século XIX e na primeira década do século XX. Pretende ainda demonstrar que o papel de Campos Lima na greve académica de 1907 foi muito mais importante do que se retrata e que a sua orientação anarquista, bem como o seu percurso em Coimbra, influenciou profundamente a natureza radical, a linguagem contestatória e os ideais que animavam o movimento. A influência das ideias anarquistas é evidenciada na crítica estrutural à autoridade universitária e estatal, na promoção de ideais educativos libertários, que constituem o âmago do protesto académico de 1907, e na valorização da ação direta, como foi o caso da greve às aulas que logo entrou em efeito.

Palavras-chave: Greve Académica de 1907; João Evangelista Campos Lima; anarquismo; Coimbra.

Abstract

This article aims to analyse the career of anarchist activist João Evangelista Campos Lima as a student in Coimbra and his intense propaganda activity, while also analysing the presence of anarchist thought in Coimbra in the second half of the 19th century and the first decade of the 20th century. It also aims to demonstrate that Campos Lima's role in the academic strike of 1907 was much more important than is generally portrayed and that his anarchist leanings, as well as his time in Coimbra, profoundly influenced the radical nature, rebellious language and ideals that animated the movement. The influence of anarchist ideas is evident in the structural criticism of university and state authority, in the promotion of libertarian educational ideals, which were at the heart of the 1907 academic protest, and in the valorisation of direct action, as was the case with the class strike that soon took effect.

Keywords: Academic strike of 1907; João Evangelista Campos Lima; anarchism; Coimbra.

Introdução

Em 1907, o estudante anarquista e principal instigador da greve académica João Evangelista Campos Lima, recordando o episódio, escrevia que “sem chefes, sem um governo central e coordenador, um movimento de agitação multiplica extraordinariamente as forças da massa anónima, equilibra-as harmonicamente”, imprimindo já um carácter revolucionário à revolta que estalou em 1907¹. Para Campos Lima, a reprovação de um colega de Direito nas suas provas para obtenção do grau de doutor “fez apenas aumentar o que já estava latente, irrompendo o protesto dos estudantes no mesmo pátio da Universidade”².

Embora a análise deste episódio não constitua o foco do presente estudo, impõe-se, por motivos de enquadramento, uma breve descrição. No dia 28 de fevereiro de 1907, realizaram-se as provas para obtenção do grau de doutor do estudante José Eugénio Ferreira que contaram com enorme adesão da comunidade estudantil porque corria o rumor de que seria reprovado. Tendo sido reprovado por unanimidade, gerou-se um enorme tumulto seguido de um enorme cortejo de protesto até às ruas da Baixa, tendo até alguns estudantes mais revoltados apedrejado as residências dos lentes Álvaro Vilela e Guilherme Moreira. Ainda nessa noite ocorre uma reunião no Gymnasio académico que, para Campos Lima, foi “uma das mais belas afirmações coletivas da mocidade académica”, na qual se concordou com a greve às aulas³.

No dia seguinte, a 1 de março, os estudantes iniciaram a greve e manifestaram-se ruidosamente contra os lentes de Direito, nos Gerais, tendo a Universidade sido encerrada pelo Reitor à época, António Santos Viegas. Nesse dia, numa reunião geral da Academia, concordou-se em ir a Lisboa, constituindo-se uma comissão para o efeito⁴. Chegados ao edifício do parlamento, os estudantes, pela voz de António Granjo, leram as suas reivindicações⁵. Pouco depois são instaurados os processos da polícia académica contra alguns estudantes⁶. A 15 de março o Conselho de Decanos inicia as investigações e são constituídos arguidos dezassete estudantes que dão os seus depoimentos⁷. Pouco depois, o conflito ganhou uma dimensão nacional já que,

¹ João Campos Lima, *A questão da Universidade: depoimento d'um estudante expulso*, Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1907, p. 84.

² Idem, p. 94.

³ João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit., p. 106.

⁴ Cf. Alberto Xavier, *História da Greve Académica de 1907*, Coimbra, Coimbra Editora, 1962, p. 87.

⁵ Idem, p. 94-96.

⁶ João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit., p. 111.

⁷ Adelino Furtado, Júlio Dias da Costa, Adriano de Sousa e Melo, Ernesto Carneiro Franco, Vasco Correia da Rocha, Manuel Gregório Pestana Júnior, Francisco António do Vale, Afonso

além dos estudantes da Universidade e de outras escolas de Coimbra, também se associam ao movimento os estudantes de Faro⁸, os estudantes da Escola Médica do Porto⁹ e recebem-se manifestos de solidariedade da Comissão Central de Lisboa¹⁰ e da Comissão Central dos Estudantes do Porto¹¹, que também se recusaram a ir às aulas, e até da Federação das Associações Operárias¹².

Tratou-se também de um episódio com larga cobertura mediática, chegando logo a 3 de março à primeira página de *O Século*¹³, e contando com cobertura de *a Ilustração Portuguesa*, *O Mundo* e *A Lucta*, e com o apoio de personalidades oposicionistas, como António José de Almeida, Teófilo Braga, Brito Camacho e Guerra Junqueiro. Os acontecimentos são narrados no jornal local *O Conimbricense*¹⁴ e no jornal *Resistência*, o órgão do Partido Republicano de Coimbra, que inicialmente apoia a manifestação estudantil considerando-a “única nos anais da Universidade”¹⁵, mas rapidamente se desvincula negando qualquer envolvimento do Partido Republicano, tratando-a como uma “questão meramente de estudantes com professores”¹⁶. Para além de cobertura e apoio nos jornais nacionais, o episódio chegou também à Câmara dos Pares do Reino e à Câmara dos Deputados que repetidamente pedem explicações sobre o sucedido, primeiro pela voz de Hintze Ribeiro¹⁷, depois pelo Conde de Paço-Vieira¹⁸,

Henriques Duarte de Vasconcelos, Ernâni Rebelo Peixoto de Magalhães, Fernando de Roboredo, João Evangelista Campos Lima, Carlos Olavo Correia de Azevedo, Amílcar da Silva, Ramada Curto, Alberto Xavier, José Rebelo de Pinho Ferreira Júnior, Francisco Mendes Gonçalves de Freitas Preto, António Tomás Pinto Quartin. Cf. Alberto Xavier, *História...*, cit., p. 155. O jornal republicano *Resistência* transcreve os depoimentos de alguns estudantes: *Resistência*, Coimbra, nº 1193, 28 de março de 1907, p. 1-2. Alguns excertos também se encontram em Alberto Xavier, *História...*, cit., p. 163-169.

⁸ Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (doravante BGUC), Fundo Octaviano de Sá, “Pasta que contém 21 folhetos com vários artigos e panfletos sobre a Greve Académica de 1907”, 6-88-3-12, Pasta 5, “Protesto”.

⁹ BGUC, Fundo Octaviano de Sá..., Pasta 16, “Nós e a greve. Manifesto dos estudantes da Escola Médica do Porto”.

¹⁰ BGUC, Fundo Octaviano de Sá..., Pasta 16, “Manifesto da Comissão Central de Lisboa”.

¹¹ BGUC, Fundo Octaviano de Sá..., Pasta 17, “A Greve Académica. Ao Povo português. Manifesto dos estudantes do Porto”.

¹² BGUC, Fundo Octaviano de Sá..., Pasta 12, “Ao público”.

¹³ *O Século*, nº 9:048, domingo, 3 de março de 1907, p. 1. Encontra-se a transcrição do artigo em Alberto Xavier, *História...*, cit., p. 106-108.

¹⁴ *O Conimbricense*, nº 6:179, 2 de março de 1907, p. 2; e *O Conimbricense*, nº 6:180, 5 de março de 1907.

¹⁵ *Resistência*, Coimbra, nº 1185, 28 de fevereiro de 1907, p. 1.

¹⁶ *Resistência*, Coimbra, nº 1185, 28 de fevereiro de 1907, p. 2.

¹⁷ *Câmara dos Pares do Reino (II)*, Sessão nº 31, 1-03-1907, p. 322-323.

¹⁸ *Diário da Câmara dos Deputados* (doravante DCD), Sessão nº 33, 01-03-1907, p. 6-7.

depois por Afonso Costa¹⁹ e António José de Almeida²⁰, que rapidamente discursa em apoio nítido aos estudantes de Coimbra. A 1 de abril o parecer do Conselho de Decanos da Universidade considera sete estudantes os “líderes” do movimento e expulsa-os da Universidade, o que inflamou ainda mais os ânimos.

O conhecimento relativo a este episódio provém sobretudo de três relatos. Do já referido relato publicado em 1907 pelo estudante anarquista João Evangelista Campos Lima, um dos intervenientes da greve e um dos estudantes expulsos; e de duas obras publicadas em 1962, na altura da crise estudantil: de Alberto Xavier, outro interveniente, e de Natália Correia²¹. Historiograficamente, este episódio foi tratado sobretudo enquadrando-o no contexto das lutas contra o franquismo e da resistência aos métodos de ensino considerados conservadores, explorando as suas consequências políticas e educativas²². Frequentemente, este episódio é visto como o detonador para o processo que levaria à instauração da República, já que a greve originou o encerramento das Cortes a 12 de abril de 1907²³ e a crise governamental que conduziu à ditadura franquista e que foi, nas palavras de Mário Braga “a causa direta do regicídio” e o primeiro passo na instauração da República²⁴. Esta leitura é atestada ainda pelo facto de, já na altura, o sentimento de alguns contemporâneos ter sido esse mesmo. Por exemplo, Emílio Costa, um outro militante anarquista, escreveu, em abril de 1907, no jornal *A Luta* que o movimento académico seria mesmo um prelúdio para uma mudança na mentalidade portuguesa²⁵. Cinco anos depois,

¹⁹ DCD, Sessão nº 34, 02-03-1907, p. 8-9.

²⁰ DCD, Sessão nº 35, 04-03-1907, p. 5-6.

²¹ João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit.; Alberto Xavier, *História...*, cit.; Natália Correia, *A Questão Académica de 1907*, Lisboa, Minotauro/Seara Nova, 1972.

²² José Miguel Sardica, “Combate político e renovação cultural: a greve académica de 1907” in Maria Cândida Proença (ed.), *Maior de 1968. Trinta anos depois. Movimentos estudantis em Portugal*, Lisboa, Colibri, 1999, p. 31-76; Amadeu Carvalho Homem, “A crise académica de 1907 e o franquismo” in Amadeu Carvalho Homem (coord.), *Um Século de Lutas Académicas*, Editorial Moura Pinto, 2007, p. 9-83; Maria Neves Leal Gonçalves, “A greve académica de 1907. Suas repercussões políticas e educacionais”, *Revista Lusófona de Educação*, 9 (2007) p. 61-84. O episódio é ainda referido em estudos de movimentos associativos posteriores. Cf. Elísio Estanque e Rui Bebião, *Do Activismo à Indiferença. Movimentos estudantis em Coimbra*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2007; Isabel Alexandra Correia da Silva, *Movimento Estudantil e Resistência Cultural em Coimbra na Década de 1980*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado), 2009, p. 56.

²³ DCD, sessão nº 58, 11-04-1907, p. 1.

²⁴ Mário Braga, “Prefácio” in Natália Correia, *A Questão Académica...*, cit., p. 8-9. Ver ainda José Miguel Sardica, “Combate político...”, cit., p. 31.

²⁵ *A Luta*, Lisboa, ano II, nº 457, 8 de abril de 1907, citado por Maria Gonçalves, “A greve académica...”, cit., p. 70.

Alfredo Pimenta, interveniente na greve académica e inicialmente um militante anarquista que, depois de 1910, adere ao republicanismo, daí se torna militante monárquico e acaba a aderir ao salazarismo, escreveu também, em 1912, que a greve académica tinha precipitado a ditadura tendo, por isso, “algumas responsabilidades na proclamação da República”²⁶. Explorando um ângulo de análise inovador, que o presente estudo se propõe desenvolver, João Carlos Marques, na sua tese de doutoramento dedicada a António Pinto Quartin, um importante militante anarquista luso-brasileiro e interveniente na greve de 1907, dedica um dos capítulos a traçar a passagem de Quartin, enquanto estudante, por Coimbra, e o seu envolvimento na greve académica, dando ênfase à disseminação das ideias anarquistas no ambiente coimbrão²⁷.

Neste sentido, o presente estudo pretende revisitar a presença em Coimbra de estudantes anarquistas focando-se, sobretudo, em João Evangelista Campos Lima. O principal objetivo é o de analisar o percurso de militância de Campos Lima em Coimbra, enquanto estudante de Direito, analisando os seus discursos, a sua presença em congressos e atividades e a sua produção de artigos na imprensa, analisando como as ideias anarquistas sempre fizeram parte do seu modo de ação, com o objetivo de compreender como o seu percurso, enquanto agitador, culmina na greve de 1907. A greve académica, longe de ter sido um movimento organizado, ou politicamente carregado, foi um movimento disperso e espontâneo. Não se tratou, por isso, de um movimento organizado por uma facção política com vista direta a derrubar a monarquia. Prova disso é, como se verá, que o jornal *Resistência*, órgão do Partido Republicano em Coimbra, rapidamente se distanciou do protesto estudantil quando surgiram rumores de que os republicanos estariam por detrás da greve com motivações políticas.

Desta forma, este estudo almeja, sobretudo, contribuir para o conhecimento do percurso de um dos militantes anarquistas portugueses mais importantes do século XX, e um dos menos estudados, e procura mostrar como as suas ideias, o seu percurso e o seu espírito combativo o tornaram num dos líderes da greve académica de 1907 e como a sua presença e capacidade de mobilização influenciaram profundamente o discurso da revolta e o modo como se desenrolou.

²⁶ Citado por Maria Gonçalves, “A greve académica..., cit., p. 69.

²⁷ Ver o Capítulo 3, “«Os intransigentes de 1907»: António Pinto Quartin e os estudantes revolucionários de Coimbra”, em João Carlos Marques, *Um indesejável além-mar: Pinto Quartin e o movimento libertário nos dois lados do Atlântico (1887-1930)*, ISCTE-IUL (Tese de Doutoramento), 2020, p. 69-136.

A Universidade de Coimbra na segunda metade do século XIX: protestos, tensões e ideologia

Protestos estudantis na segunda metade do século XIX e inícios do século XX

Na sessão nº 36, de 5 de março de 1907, da Câmara dos Deputados, António José de Almeida, referindo-se ao episódio da greve de 1907, afirmava que o “caso Eugénio Ferreira foi apenas o pretexto, porque a tempestade vinha-se formando de longe”²⁸. Com efeito, as críticas à Universidade eram muito antigas e já na segunda metade do século XIX a Academia de Coimbra era vista como “um símbolo de hierarquia, imobilismo e coação”²⁹. A partir da década de 1860 as tensões entre um espírito “retrógrado” e um espírito “renovado” ou “progressista” aumentaram na Coimbra de Antero de Quental e de Eça de Queirós³⁰. As décadas de 1860 e 1870 testemunharam a passagem por Coimbra de novas ideias políticas, ideológicas e literárias que inspiraram protestos. Neste ambiente, começaram a proliferar o cientismo, o positivismo, o evolucionismo, o socialismo, o republicanismo e o realismo, e o radicalismo aumentava sob o pano fundo da convicção de se estarem a viver tempos de renovação espiritual.

Era este o ambiente intelectual e político na Coimbra de Antero e Eça. Para Eça de Queirós, que nunca abandonou a representação de Coimbra nas suas principais obras³¹, a Coimbra do seu tempo de estudante de Direito “vivía então numa grande atividade, ou antes num grande tumulto mental”, não se conformando com o “anacronismo” da instituição³². Com efeito, a geração de Eça e Antero foi a primeira a tornar a Universidade num palco de contestação. Em 1860 fundou-se a Sociedade do Raio, um agrupamento semi-secreto de estudantes que tinha como principal dirigente Antero de Quental e que inspirou a campanha contra o Reitor da altura, Basílio Alberto de Sousa Pinto, num episódio que ficou conhecido como crise académica de 1861-1863³³. Em

²⁸ DCD, Sessão nº 36, 5-3-1907, p. 7.

²⁹ José Miguel Sardica, “Combate político..., cit., p. 33.

³⁰ Idem, p. 33.

³¹ Carlos Reis, “Eça de Queiroz e a Universidade de Coimbra” in *Universidade(s). História. Memória. Perspectivas. Actas do Congresso “História da Universidade”*, vol. 3, Coimbra, 1991, p. 439-453.

³² Citado em Idem, p. 451.

³³ Sobre a Sociedade do Raio veja-se: António Nóvoa, “A Sociedade do Raio na Coimbra Académica de 1861-1863” in *Universidade(s). História. Memória. Perspectivas. Actas do Congresso “História da Universidade”*, vol. 3, Coimbra, 1991, p. 277-320; e ainda Alberto Sousa Lamy, *A Academia de Coimbra, 1537-1990: história, praxe, boémia e estudo, partidas e piadas, organismos académicos*, Lisboa, Rei dos Livros, 1990, p. 106-112.

dezembro de 1862 saía o manifesto explicativo – *Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra - À Opinião Ilustrada do País (1862-1863)* –, redigido por Antero de Quental e assinado por 315 ou 316 estudantes³⁴, deixando claro que se protestava “uma legislação atrasada de três séculos, porque este Reitor simboliza todo o rigor dessa lei, porque consubstancia em si tudo quanto há de mau na instituição”³⁵.

Duas décadas mais tarde, nos primeiros três meses de 1881, a Academia de Coimbra entrou novamente em conflito com o Governador Civil do Distrito, José Pereira Pinto dos Santos, originando um dos mais ruidosos episódios de protesto da Academia, conhecido como “campanha do Zé Pereira” ou “Zé P’reirada”³⁶. Já na década de 1890, o espírito revolucionário e de protesto da Academia não abrandou, num período marcado pela indignação nacional causada pelo ultimato britânico. Na Universidade de Coimbra, a 23 de março de 1890, começa a publicar-se o periódico estudantil *O Ultimato*, tendo como redatores António José de Almeida e Afonso Costa que criticam fortemente o governo e o regime³⁷. Já no contexto da insurreição militar no Porto, a 31 de janeiro de 1891, a Academia de Coimbra esteve em contacto com os organizadores da revolta tendo até organizado um grupo revolucionário armado, de mais de 60 estudantes, do qual Afonso Costa fazia parte, que se reuniu junto da Penitenciária de Coimbra, aguardando a queda da Monarquia e a implantação da República que não estava ainda para vir³⁸. A Academia estava cada vez mais revoltada, ansiosa pela República.

No ano seguinte, em 1892, ocorreu uma nova greve estudantil, despoletada depois da prisão de um estudante, gerando-se tumultos com a polícia que António José de Almeida, que neles participou, anos mais tarde descreveu como “verdadeira chacina”³⁹. Como consequência, a 6 e 7 de maio iniciou-se a greve académica. A Universidade foi encerrada, reabrindo a 14 de maio, e a sede da Associação Académica de Coimbra foi encerrada a 5 de maio e a sua

³⁴ O manifesto encontra-se integralmente transcrito em: Alberto Xavier, *História...*, cit., p. 53-59. António Nóvoa refere 315 estudantes; Alberto Xavier e Alberto Sousa Lamy referem 316.

³⁵ Idem, p. 57-59.

³⁶ Devido à prisão de um colega, a Academia reuniu e protestou, enviando uma comissão ao Governo pedindo a exoneração do Governador. Entre 12 e 24 de março os estudantes publicaram um periódico satírico, com dois números, intitulado *Zé P’reira*. Cf. Alberto Lamy, *A Academia...*, cit., p. 129-130.

³⁷ António José de Almeida escreve um artigo violentíssimo, intitulado “Bragança, o último”, insultando o rei e propondo que no dia da revolução este seja posto nas jaulas do Jardim Zoológico; Afonso Costa, no artigo “A Federação Académica”, defende a queda da Monarquia por via revolucionária. Cf. Alberto Lamy, *A Academia...*, cit., p. 148.

³⁸ Alberto Lamy, *A Academia...*, cit., p. 150.

³⁹ *Diário da Câmara dos Deputados*, Sessão nº 36, 5-3-1907, p. 7.

atividade foi interrompida até 1895. Entre os 46 alunos que perderam o ano, contavam-se Afonso Costa e António José de Almeida⁴⁰.

Nas primeiras décadas do século XX os protestos na Universidade continuaram. No contexto da conhecida revolta do grelo, a 11 de março de 1903, rapidamente a academia, mas também o comércio, as fábricas e oficinas, as obras de construção e de reparo de toda a cidade, aderiram à greve. Após protestos e violência entre a polícia e a multidão, a 14 de março, o governo ordenou o encerramento da Universidade e que os estudantes saíssem de Coimbra no prazo de 24 horas. Contudo, a Academia, reunida em assembleia geral, decidiu permanecer na cidade. A Universidade viria a ser reaberta a 20 de abril⁴¹.

As greves e os protestos no seio académico coimbrão não eram estranhos nem aos estudantes, nem aos lentes, nem à cidade, nem ao próprio governo. Qual é, então, na história destes e de outros tantos episódios, a originalidade da greve académica de 1907? Como António José de Almeida, em discurso na Câmara dos Deputados, em março de 1907, reparou: a academia de Coimbra “acaba de dar provas de uma solidariedade que é rara e de um espírito de justiça que não é vulgar”⁴². Alguns autores consideram que a greve de 1907, enquanto culminar de contestação dos estudantes, foi a primeira “ação estudantil mais diretamente vocacionada para objetivos transformadores definidos com alguma clareza”⁴³, isto é, com propostas de alteração do foro académico e alterações aos métodos e programas de ensino da Universidade de Coimbra e, sobretudo, da Faculdade de Direito. Além disso, consideram-no o “primeiro combate de estudantes com uma dimensão nacional”⁴⁴, apoiado pelos estudantes de outras escolas do país, articulado no debate público, através de jornais e revistas, e contando, pela primeira vez, com a participação de alguns membros do corpo docente, como Bernardino Machado, e com o apoio e solidariedade de várias figuras públicas, políticos e jornalistas, como Brito Camacho, Afonso Costa e António José de Almeida.

Em suma, a Greve Académica de 1907, enquanto o culminar de uma insatisfação que se vinha acumulando quer, por um lado, contra a monarquia, quer, por outro, contra os programas e métodos de ensino considerados antiquados, teve como principal desfecho a tomada de consciência por parte da Universidade quanto à necessidade de se atualizar. A seguir a este episódio, Marnoco e Sousa e José Alberto dos Reis, lentes da Faculdade de Direito, foram enviados em missão às principais Faculdades de Direito da Europa para

⁴⁰ Alberto Lamy, *A Academia...*, cit., p. 153-154.

⁴¹ Idem, p. 168.

⁴² DCD, Sessão nº 36, 5-3-1907, p. 6.

⁴³ Elísio Estanque e Rui Bebiano, *Do Ativismo...*, cit., p. 29.

⁴⁴ Idem, p. 30.

analisar e confrontar os programas e métodos de ensino com os da Universidade de Coimbra⁴⁵. Estes foram os primeiros passos na direção de uma reforma de ensino que, apesar de tudo, só se viria a concretizar depois de implantada a República. Daí que alguns autores considerem a greve de 1907 como o gatilho que despoletou o processo que, ultimamente, levou à implantação da República.

Note-se que não é por acaso que Alberto Xavier opta por começar a sua história da greve de 1907 contando a história do movimento de 1862, no tempo de Antero de Quental. Para o autor, a pertinência de se compararem ambos os episódios, separados por quarenta e cinco anos, é a de verificar precisamente que a Universidade descrita no manifesto de Antero se manteve inalterada até ao movimento de 1907⁴⁶.

As ideias revolucionárias em Coimbra

Na Coimbra de finais do século XIX e inícios do século XX o ambiente boémio, os espaços de convívio e as mentes jovens de várias partes do mundo confluíam na criação de um ambiente propício a germinarem ideias revolucionárias que animavam os movimentos de protesto. Neste contexto, as ideias de autores anarquistas, ou revolucionários, desde cedo penetraram no espaço coimbrão e, pelo menos desde a década de 1850, começaram a surgir obras ou textos que almejavam colocar a Universidade de Coimbra a par com estas ideias que iam começando a influenciar a Europa. Em 1853, José Júlio de Oliveira Pinto escreveu um artigo para a revista *O Instituto*, de Coimbra, intitulado “Proudhon e a Economia Política”, referindo-se a Proudhon como “agitador do povo” e “inovador da ciência”⁴⁷. Entre a década de 1850 e 1870, as ideias de Proudhon começaram mesmo a ser ensinadas na Universidade de Coimbra, na cadeira de Filosofia do Direito, regida pelo lente Joaquim Maria Rodrigues de Brito⁴⁸. Já em 1896, no mesmo ano em que foi promulgada a lei contra a propaganda anarquista, Manuel da Silva Mendes, que tinha concluído

⁴⁵ Armando Marques Guedes, *Páginas do meu diário*, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, 1957, p. 58.

⁴⁶ Alberto Xavier, *História...*, cit., p. 52.

⁴⁷ J. J. de Oliveira Pinto, “Proudhon e a Economia Política”, *O Instituto : jornal científico e litterario*, Coimbra, vol. 1, 1853, p. 75-76. Este artigo continua, no mesmo volume, nas páginas 85-86; 131-133; 158-161; 189-191; 218-219.

⁴⁸ Em 1869, o lente publicou a obra *Philosophia do Direito*, segundo as ideias mutualistas de Proudhon, para funcionar como manual da cadeira. Cf. Maria Clara Calheiros, “Filosofia Proudhoniana do Direito” in Acílio Estanqueiro e Manuel Gama (org.), *Proudhon no Bicentenário do seu Nascimento*, Braga, Universidade do Minho, Centro de Estudos Lusíadas, 2009, p. 73-82.

o curso de Direito na Universidade de Coimbra no ano anterior, publica a obra *Socialismo libertário ou anarquismo: história e doutrina*⁴⁹.

Na Coimbra de Antero e de Eça, alguns escritos revolucionários, de um anarquismo ainda em formação, eram conhecidos. O próprio Antero de Quental admitia, em 1873 numa carta a Magalhães Lima, que “há 8 anos que estudo Proudhon, e cada dia acho mais que aprender nele”⁵⁰. Com efeito, entre outras influências, é a filosofia proudhoniana que informa grande parte da filosofia social e política de Antero⁵¹. Manuel de Arriaga, também influenciado por Proudhon⁵², afirmava que o período em que Antero viveu foi um dos “mais originais e sugestivos da academia de Coimbra”, de grande circulação de obras filosóficas e políticas dos grandes autores, referindo, entre outros, Proudhon – “As suas obras famosas andavam nas mãos de todos nós”⁵³. Da mesma forma, Eça de Queirós afirma que “Coimbra vivia então n’uma grande atividade, ou antes n’um grande tumulto mental”, aparecendo todos os dias novas ideias de forma que “[c]ada manhã trazia a sua revolução, como um sol que fosse novo. Era Michelet que surgia, e Hegel, e Vico, e Proudhon”⁵⁴.

Já no século XX, o programa da cadeira de Ciências Económicas e Direito Económico na Faculdade de Direito, regida pelo lente Marnoco e Sousa, contemplava mesmo temas relacionados com o socialismo. Campos Lima, que foi aluno de Marnoco e Sousa relembra que este expunha frequentemente “as teorias anarquistas”⁵⁵. Nesta cadeira, em 1905, foram apresentados alguns trabalhos sobre o movimento operário e o anarquismo, um deles de Campos Lima,

⁴⁹ Manuel da Silva Mendes, *Socialismo Libertário ou Anarchismo*, Lisboa, Livraria Letra Livre (edição fac-símile), 2006 [1896].

⁵⁰ Citado por Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, “Proudhon e o socialismo anteriano”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 47, 2, 1991, p. 349.

⁵¹ Acerca da influência de Proudhon no pensamento de Antero, veja-se: Fernando Catroga, *Antero de Quental. História, socialismo, política*, Lisboa, Notícias Editorial, 2001.

⁵² Veja-se: Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, “Proudhon e o Republicanismo de Arriaga” in Carlos Amaral; Manuel Pimentel; Berta Pimentel e Renato Epifânio (coord.), *Os irmãos Arriaga. Filosofia, História e Literatura*, Lisboa/Linda-a-Velha, MIL, 2021, p. 11-26.

⁵³ Manuel de Arriaga, “Ao correr da pena (Notas)” in *Antero de Quental: in Memoriam*, Porto, Mathieu Lugan, Editor, 1896, p. 95. Disponível em: <https://archive.org/details/antherodequental00samp/page/n9/mode/2up> (consultado a 10-05-2025).

⁵⁴ Eça de Queirós, “Um génio que era um santo” in *Antero de Quental...*, cit., p. 485. Acerca da influência proudhoniana em Eça de Queirós ver: Joana Duarte Bernardes, “Quando ainda se acreditava que as ideias faziam revoluções - Manuel Emídio Garcia e Eça de Queirós”, *Revista de História das Ideias*, 29, 2008, p. 405-430. Este texto é posteriormente incluído no Capítulo II, da dissertação de mestrado da autora. Ver: Joana Duarte Bernardes, *Eça de Queirós. Riso, memória, morte*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 39-63.

⁵⁵ João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit., p. 49.

orientado segundo as ideias de Kropotkin. Tendo sido dos primeiros estudos sobre estes temas feitos em Portugal, estes trabalhos foram importantíssimos tanto para a historiografia do socialismo libertário como para o próprio movimento que depois se começou a desenvolver⁵⁶.

Quer isto dizer que em Coimbra pairava já, senão um “espectro do anarquismo”, um espectro definitivamente revolucionário que começava a implantar-se tanto no meio académico como no meio operário⁵⁷. A geração de estudantes de Coimbra, no final da década de 1890, sentia muito bem este fervilhar político. O “grande tumulto mental”, de que falava Eça, não tinha abrandado. Um famoso estudante de Coimbra deste período, Alberto Costa, conhecido como Pad Zé, que Teixeira de Pascoaes recordava a “troçar os caloiros” na Porta Férrea⁵⁸, tinha também notado que a “política andava então acesa na Academia”⁵⁹. Como se verá mais à frente, Pad Zé será uma peça fundamental na rede de estudantes que depois irá participar na greve académica.

Dois anarquistas em Coimbra: Campos Lima e Pinto Quartin

Campos Lima e o seu percurso em Coimbra

Tanto Campos Lima como, em muito menor grau, Pinto Quartin terão um papel ativo durante a greve de 1907, sendo dois dos sete estudantes expulsos. Focar-se-á o percurso de Campos Lima por dois motivos. Primeiro, porque

⁵⁶ Carlos Lobo de Ávila Lima, *Movimento Operário em Portugal*, Lisboa, Ferreira & Oliveira, Lda., s.d.; Luís Gonçalves, *A Evolução do Movimento Operário em Portugal*, Lisboa, Adolfo de Mendonça & C^a Editores, 1905; Fernando Emygdio da Silva, *O Operariado Português na Questão Social*, Lisboa, Tipografia Universal, 1905; Campos Lima, *O Movimento Operário em Portugal*, Lisboa, Guimarães & C^a Editores, 1910. Cf. António Ventura, *Anarquistas, Republicanos e Socialistas em Portugal. As Convergências Possíveis (1892-1910)*, Lisboa, Edições Cosmos, 2000, p. 81.

⁵⁷ Refira-se, por exemplo, que data deste período a publicação, em outubro de 1890, em Coimbra, do primeiro jornal com o título “O 1º de Maio”. Cf. Fernando Catroga, “Os Primórdios do 1º de Maio em Portugal. Festa, Luto, Luta”, *Revista de História das Ideias*, II, 1989, nota 20, p. 450. Sobre o 1º de maio, ver: Carlos Fonseca, *O 1º de Maio em Portugal. 1890-1990*, Lisboa, Edições Antígona, 1990.

⁵⁸ Teixeira de Pascoaes, *Livro de Memórias*, Coimbra, Atlântida, 1927, p. 123. (Disponível em: <https://purl.pt/42427> (consultado a 15-06-2025)).

⁵⁹ Alberto Costa, *O livro do doutor Assis: pensamentos, conceitos, anedotas, larachas, chalaças, agudezas, subtilezas, facécias, ditos de espírito, calemburgos e charadas*, Lisboa, Livraria Clássica Editora - A. M. Teixeira & C.^a (filhos), 1945, p. 27-29.

foi um dos mais importantes e conhecidos militantes anarquistas portugueses, tendo participado em vários comícios e grupos e tendo colaborado em imensos periódicos libertários ao longo da sua vida, sendo um dos maiores responsáveis pela divulgação do anarquismo português⁶⁰. Em segundo lugar, porque, apesar disto, continua largamente por ser estudado com profundidade. Contudo, não se fará uma biografia completa de Campos Lima. Neste estudo, focar-se-á o seu tempo em Coimbra, de 1903 a 1908, e explorar-se-ão quatro parâmetros da sua vida estudantil: a sua atividade de propaganda; a sua atividade enquanto orador revolucionário; a sua atividade na imprensa; e, por fim, o seu papel, que aqui se considera importantíssimo, e um dos principais, na greve académica de 1907.

Conhecido por ser um grande orador e um anarquista de inabaláveis princípios, Campos Lima é uma das mais importantes figuras do movimento anarquista português. Recentemente, novos documentos foram descobertos que esclarecem a sua proveniência. Nascido na freguesia de Vitória, no Porto, em 1877, após a morte do pai e avós maternos foi entregue, com menos de um ano, a uma família no concelho de Barcelos, onde aprendeu a profissão de encadernador e tipógrafo ainda com 10 anos. Mais tarde, foi estudar para Braga e daí para Coimbra. Aos 14 anos aparece, num jornal de Braga, o primeiro texto, de que se tem conhecimento, assinado por Campos Lima sobre o positivismo de Auguste Comte⁶¹. Foi certamente a partir destas ideias que evoluiu para as ideias libertárias. Como ele próprio admitirá mais tarde, no seu relato de uma viagem a Paris, foi a obra *Philosophie de l'Anarchie*, de Charles Malato, que conheceu e entrevistou na referida viagem, que o fez passar de um “revoltado instintivo” para “o libertário que desde então eu procurei ser”⁶².

Não se sabe ao certo quando foi para Coimbra. É sabido, contudo, que já frequentava a cidade antes de ser estudante e que a sua atividade interventiva e o seu espírito revoltoso se iniciaram cedo. Terá ido para Coimbra entre 1891 – data do seu artigo assinado no jornal de Braga – e 1894 ou 1895, altura em que participa, com 17 anos, num comício de trabalhadores no bairro dos Olivais, discursando ao lado de Ernesto da Silva e Azedo Gneco⁶³. Desde muito cedo Campos Lima mostra uma postura interventiva e participativa, tendo participado, ainda antes de ser estudante, a 28 de junho de 1901, na

⁶⁰ Para uma pequena biografia de Campos Lima veja-se Alexandre Vieira, *Figuras Gradadas do Movimento Social Português*, Lisboa, Edição do Autor, 1959, p. 87-90.

⁶¹ António Cândido Franco e Jorge Domingos, “João Evangelista Campos Lima [Nova documentação biográfica]”, *A Batalha*, nº 295, 2022, p. 16-17.

⁶² João Campos Lima, *Os meus dez dias em Paris*, Coimbra, Typ. Democrática-Editora, 1906, p. 73.

⁶³ João Carlos Marques, *Um indesejável...*, cit., p. 123.

manifestação contra o bispo do Porto na Sala dos Capelos, como recordará mais tarde⁶⁴.

A leitura da obra de Malato que o aproximou das ideias libertárias terá sido por esta altura, já que ainda em 1901, no mês de setembro, Campos Lima publicava um opúsculo intitulado *Nova Crença*, que constitui a sua profissão de fé do anarquismo. Nesta obra, cujo objetivo é mesmo “fazer a afirmação pública da minha adesão ao novo ideal”⁶⁵, Campos Lima mostrava-se cético em relação à República, considerando que nada se alteraria⁶⁶, e sonhava com um “Portugal anarquista”⁶⁷.

Foi esta bagagem anarquista, preenchida de revolta, oposição à autoridade e às formas de governo e ambição de alterar o estado de pobreza e analfabetismo do país, que Campos Lima levou consigo para a Universidade de Coimbra. O seu tempo de estudante de Direito ficou marcado por uma militância acérrima e combativa e por uma participação assídua em protestos e comícios, procurando divulgar os seus princípios. Matriculado desde outubro de 1902⁶⁸ o caloiro Campos Lima, numa assembleia geral dos estudantes a 22 de abril de 1903, apresentava uma proposta para que a Academia aderisse ao congresso internacional antimilitarista que se preparava⁶⁹, tendo sido aprovada e publicado um manifesto antimilitarista, assinado por uma comissão composta por Aníbal Soares, Campos Lima e Carlos Amaro⁷⁰. A 1 de fevereiro de 1905, numa reunião da academia destinada a protestar contra eventos sucedidos na Rússia, a seguir a um discurso de Carlos Olavo, um outro interveniente da greve de 1907, discursou também Campos Lima que, segundo o jornal republicano *Resistência*, “eloquentemente ataca a burocracia russa e em nome dos seus princípios saúda a nova Rússia que há de erguer-se das ruínas”⁷¹. Já no ano seguinte, a 15 de fevereiro, Campos Lima integrava uma comissão eleita em assembleia geral de estudantes, a 6 desse mês, que elaborou um requerimento protestando contra o vice-reitor, Dr. Avelino Calisto⁷². Assim, desde cedo que

⁶⁴ João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit., p. 12.

⁶⁵ João Campos Lima, *Nova Crença*, Coimbra, Typ. da Livraria Portuguesa, 1901, p. 15.

⁶⁶ Idem, p. 22.

⁶⁷ Idem, p. 40.

⁶⁸ “Faculdade de Direito. Primeiro Ano”, Secção V - Cap. VI: Estudantes, *Anuário da Universidade de Coimbra: anno lectivo de 1902-1903*, Coimbra, Imprensa da Universidade, p. 15.

⁶⁹ *Resistência*, Coimbra, nº 792, 23 de abril de 1903, p. 2.

⁷⁰ *Resistência*, Coimbra, nº 804, 4 de junho de 1903, p. 2.

⁷¹ *Resistência*, Coimbra, nº 976, 2 de fevereiro de 1905, p. 2.

⁷² Pertenciam também à comissão: Carlos Amaro de Miranda e Silva, Alberto Feio Soares d’Azevedo, Fernando Baeta Bissaia Rosa, Joaquim Pereira Monteiro de Araújo, Carlos Duque,

Campos Lima participa na vida académica e mostra capacidade de mobilização e de discurso, sendo elogiado na imprensa republicana.

Uma outra importante atividade de Campos Lima em Coimbra foi o lançamento do projeto da Escola Livre. A 8 de abril de 1906, Campos Lima embarcava, da Estação de Nova de Coimbra, com um grupo de estudantes rumo a Paris. Esta viagem, que Campos Lima registou⁷³, foi definidora para o anarquista, que aí contactou com algumas das personalidades mais importantes do movimento anarquista francês, bem como redações de jornais. Privou com Anatole France, visitou a redação de *Les Temps Nouveaux*, o famosíssimo semanário anarquista editado por Jean Grave, e a oficina do jornal *Le Libertaire*, fundado por Sébastien Faure, entrevistou Charles Malato, visitou a comuna libertária “La Ruche”, em Rambouillet, tendo recebido uma visita guiada de Sébastien Faure, considerado por Campos Lima como “uma das figuras mais notáveis do movimento anarquista”⁷⁴. Esta experiência terá sido tão importante para Campos Lima que, regressado da viagem, irá tentar replicá-la em Portugal.

Tomás da Fonseca conta que enquanto caminhava com Campos Lima por Coimbra e este lhe contava sobre a sua viagem a Paris e a sua visita à escola libertária fundada por Faure, o anarquista sugeriu que se fundasse, em Portugal, uma escola com os métodos da “La Ruche”, surgindo assim a ideia de criar uma Escola Livre, de ensino libertário: “Chamar-se-á «Escola Livre de Ensino Integral»”⁷⁵. Embora não se tenha encontrado registo do grupo, este terá sido criado por volta de outubro de 1906, aparecendo, nesse mês, na *Resistência*, um artigo que o anuncia e ao seu objetivo de implementar em Portugal a educação integral “segundo os pressupostos modernos”⁷⁶. O projeto de Campos Lima ia ganhando visibilidade. Em janeiro de 1907, João de Barros publica um artigo no jornal *A Lucta* acerca desta iniciativa, elogiando Campos Lima como “um dos rapazes que, em Coimbra, mais tem sabido amar e compreender os modernos ideais de liberdade e de beleza da vida”, pertencendo a uma “minoría pequena, mas resoluta, inteligente e proba”⁷⁷.

António Joaquim Granjo, Joaquim de Oliveira, José Maria Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação. Cf. *Resistência*, Coimbra, nº 1080, 15 de fevereiro de 1906, p. 2.

⁷³ João Campos Lima, *Os meus dez dias...*, cit.

⁷⁴ Idem, p. 87.

⁷⁵ *Resistência*, Coimbra, nº 1177, 27 de janeiro de 1907, p. 2.

⁷⁶ *Resistência*, Coimbra, nº 1151, 21 de outubro de 1906, p. 1.

⁷⁷ O artigo encontra-se transcrito para a *Resistência*. Cf. *Resistência*, Coimbra, nº 1174, 17 de janeiro de 1907, p. 2.

Como forma de angariar fundos, e de divulgar a iniciativa, Campos Lima promove um sarau em favor da Escola Livre⁷⁸. É de notar, para além dos elogios que recebeu na imprensa, o apoio a esta iniciativa, e possivelmente a rede de contactos que Campos Lima, então com 28 anos, já possuía. Este sarau, que se realizaria no dia 2 de março, mas que acabou por ser cancelado devido à greve académica que entretanto se iniciou⁷⁹, contava com o apoio de importantes figuras do panorama político nacional e do movimento republicano, como Teófilo Braga, Bernardino Machado, Manuel d'Arriaga, Magalhães Lima, João de Menezes, Brito Camacho, Afonso Costa, Alexandre Braga, Nunes da Ponte, António José de Almeida, Trindade Coelho, Manuel Borges Grainha, Tomás Cabreira, Agostinho Fortes, Guerra Junqueiro⁸⁰. Apesar disto, a falta de documentação sobre este projeto leva a supor que foi efêmero.

Durante o seu tempo de estudante de Direito em Coimbra, para além de iniciativas e de atividade interventiva, são vários os momentos de participação assídua em protestos e comícios e de intervenções discursivas. A mudança de espaço ou de ocasião não alterava a retórica de Campos Lima que discursava sempre de forma viva e emotiva, fiel aos seus princípios, procurando divulgar a sua visão política e instigar que quem o ouvisse se revoltasse. O anarquista discursou em comemorações⁸¹, sessões de homenagem a figuras públicas⁸², comícios republicanos, como o de 25 de fevereiro de 1904 ou o de 16 de dezembro de 1906⁸³, ou de outras fações políticas, como a 8 de dezembro desse ano⁸⁴, e conferências, como a das Associações Operárias de Coimbra, a 18 de junho de 1905⁸⁵.

⁷⁸ *Resistência*, Coimbra, nº 1175, 20 de janeiro de 1907, p. 2.

⁷⁹ *Resistência*, Coimbra, nº 1186, 3 de março de 1907, p. 1.

⁸⁰ *Resistência*, Coimbra, nº 1180, 7 de fevereiro de 1907, p. 2.

⁸¹ A 4 de fevereiro de 1904, por ocasião das comemorações do 31 de janeiro, em Coimbra, ocorreu um encontro no túmulo de José Falcão, que contou com vários discursos, incluindo do “libertário” Campos Lima. Cf. *Resistência*, Coimbra, nº 874, 4 de fevereiro de 1904, p. 1.

⁸² Campos Lima discursa em duas homenagens a Bernardino Machado. Uma em maio de 1904 (Cf. *Resistência*, Coimbra, nº 899, 5 de maio de 1904, p. 2) e outra em dezembro desse ano (*Resistência*, Coimbra, nº 961, 11 de dezembro de 1904, p. 2).

⁸³ Cf. *Resistência*, Coimbra, nº 881, 28 de fevereiro de 1904, p. 3; e *Resistência*, Coimbra, nº 1166, 20 de dezembro de 1906, p. 3-4.

⁸⁴ Tratava-se de um comício organizado pelo grupo dissidente do Partido Progressista que acompanhou José de Alpoim. Mais uma vez, as suas palavras causaram entusiasmo em todos os presentes. Cf. *Resistência*, Coimbra, nº 1061, 10 de dezembro de 1905, p. 2. Em janeiro do ano seguinte, este discurso foi elogiado por Carlos Amaro, que participará na greve académica de 1907, ao lado de Campos Lima, como “eloquentíssimo discurso, cheio do forte brilho, de tanta verdade e de tanta justiça”. Cf. *Resistência*, Coimbra, nº 1068, 4 de janeiro de 1906, p. 1.

⁸⁵ *Resistência*, Coimbra, nº 1166, 20 de dezembro de 1906, p. 3-4.

Pelo conteúdo dos seus discursos compreende-se que a sua crítica ao ensino e ao regime estão presentes desde cedo, assim como a tentativa de expor os princípios libertários que professa. Por exemplo, em dezembro de 1904, numa sessão em honra de Bernardino Machado, Campos Lima discursou a seguir a António José de Almeida, e criticou a “pressão do atual regime de ensino” que os estudantes sofrem, considerando que um dos males da Universidade de Coimbra seja “o rotineirismo do seu ensino”, marcado pelos “velhos processos”. O que se pretendia, afirmava, “é que a instrução seja ministrada de modo a despertar a atividade intelectual dos estudantes, e a promover assim, que livre e independente, a inteligência obre por si mesma”. Como era habitual, o discurso de Campos Lima terminou com “uma grande salva de palmas”⁸⁶.

No seu discurso no comício organizado pelas Associações Operárias de Coimbra, a 18 de junho de 1905, que tinha como finalidade protestar contra as condições de trabalho, Campos Lima propôs uma greve de solidariedade para com os trabalhadores. Segundo o jornal republicano *Resistência*, Campos Lima “expõe as suas ideias anarquistas, faz a crítica do parlamentarismo e rejeita por inútil e contrária aos seus princípios a ideia da representação ao governo”⁸⁷. Já no ano seguinte, a 16 de dezembro de 1906, num comício republicano, Campos Lima afirmava que se separa dos republicanos por alguns pontos de vista e está presente no comício, não por partilhar da ideologia republicana, mas pela “compreensão da necessidade de solidarização de toda a ação de protesto”. Apesar de considerar que a República “é, antes de tudo, uma forma de governo”, afirma que os libertários seriam os primeiros a defendê-la, já que republicanos e os libertários coincidem na “reação contra todo o despotismo”⁸⁸.

É importante notar que os discursos do estudante anarquista eram largamente elogiados, quer pela imprensa quer pelo público que o ouvia. Segundo o periódico *Resistência*, o seu discurso de 16 de março de 1905, na Conferência do Grupo do Livre Pensamento, sobre o tema da greve, foi tratado “com todo o brilho da sua palavra quente e sugestiva” e a conferência foi “muito concorrida, sendo muito vitoriado o sr. Campos Lima tanto no fim, como nas partes mais entusiásticas da sua brilhante alocução”⁸⁹. Referindo-se ao seu discurso no comício republicano de 25 de fevereiro de 1904, a *Resistência*, que reconhecia já em Campos Lima uma “orientação mais radical”, considera que em nada prejudicou a sua intervenção, já que “este vibrante discurso foi constantemente

⁸⁶ *Resistência*, Coimbra, nº 961, 11 de dezembro de 1904, p. 2.

⁸⁷ *Resistência*, Coimbra, nº 1012, 22 de junho de 1905, p. 2.

⁸⁸ *Resistência*, Coimbra, nº 1166, 20 de dezembro de 1906, p. 3-4.

⁸⁹ *Resistência*, Coimbra, nº 987, 16 de março de 1905, p. 1.

cortado de prolongados aplausos”⁹⁰. Assim, apesar das ideias radicais que defendia, o entusiasmo do público, mesmo de outros quadrantes políticos, era constante e os seus discursos eram elogiados e aplaudidos.

Um dos mais impactantes discursos de Campos Lima, quer pelo conteúdo, quer pelo ambiente em que foi proferido, foi o de 4 de novembro de 1905, no sarau realizado para os novos estudantes na Universidade de Coimbra⁹¹. Segundo o próprio, neste discurso, “fui ainda incorrigivelmente o mesmo desautstinado insubmisso contra o ensino oficial”⁹². Discursando perante João Franco, e seu filho Frederico Franco, de primeiro ano e futuro colega de Campos Lima, o estudante anarquista iniciou o seu discurso de forma provocatória: “Dizia o escritor anarquista Sebastien Faure que nós os revolucionários devemos estar em toda a parte”⁹³. Criticou a Universidade como a “velha e fradesca escola humanista, onde às demonstrações simples se preferem os mirabolantes jogos retóricos dos ursos”, cujos problemas de ensino poderiam ser “corrigidos pela liberdade dada ao aluno”⁹⁴. Para Campos Lima, o papel do estudante é “o de ser o transmissor das grandes ideias, pondo-se em contacto com o povo humilde, ensinando-o a amar e a lutar pelo Bem e pela Verdade”, porque é “numa academia que deve estar concentrada a energia moral dum povo”⁹⁵. Campos Lima terminava dizendo que cabe aos novos estudantes aspirar a melhorar o espaço que privam “para sobre as suas ruínas se erguer, generosa e altiva, uma sociedade igualitária e livre”⁹⁶. Como muito bem reparou João Carlos Marques, este discurso de Campos Lima é um retrato do espírito académico desta geração⁹⁷.

A atividade de Campos Lima estendeu-se também à imprensa, tendo colaborado em vários periódicos entre 1903 e 1907. Em 1903, no seu segundo ano, começou a publicar um “semanário anti-político” intitulado *A Verdade*, juntamente com Lopes de Oliveira e com o anarquista brasileiro António Gomes da Silva, de que se falará mais à frente. O órgão republicano *Resistência* elogiava o semanário que se apresentava com “brilho e invulgar desassombro”⁹⁸. Embora não se tenha conseguido consultar o periódico, tem-se conhecimento dos textos escritos por Campos Lima, que o próprio transcreve na sua obra de 1907 sobre

⁹⁰ *Resistência*, Coimbra, nº 881, 28 de fevereiro de 1904, p. 3.

⁹¹ “Os Novatos”, *Resistência*, nº 1050, 2 de novembro de 1906, p. 2.

⁹² João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit., p. 60.

⁹³ Idem, p. 63.

⁹⁴ Idem, p. 67.

⁹⁵ Idem, p. 72-73.

⁹⁶ Idem, p. 74.

⁹⁷ João Carlos Marques, *Um indesejável...*, cit., p. 79.

⁹⁸ *Resistência*, Coimbra, nº 844, 22 de outubro de 1903, p. 1.

a greve académica. As ideias expressas nos seus discursos de 1904 a 1906 encontram-se já neste periódico em 1903, por exemplo, na crítica ao ensino “conservador, anacrónico, irracional” da Universidade⁹⁹. Segundo o próprio, este periódico chegou a atingir uma tiragem de dois mil e quinhentos exemplares e, por isso, “mereceu a atenção dos lentes” da Faculdade de Direito, que, falando com o reitor, perseguiram Campos Lima, como “anarquista confesso, como elemento perturbador dentro da academia”, pretendendo expulsá-lo¹⁰⁰. Por isso, o estudante não estranhou que um polícia tenha ido à tipografia onde se imprimia *A Verdade* pedir um exemplar de cada número publicado¹⁰¹. Quer isto dizer que a fama de Campos Lima em Coimbra, como estudante radical, mesmo entre os lentes da Faculdade, era bastante anterior à greve de 1907.

Dois anos mais tarde, em março de 1905, Campos Lima começou a colaborar na revista *Arte e Vida*, a partir do número 4, cujos redatores eram Manuel de Sousa Pinto e João de Barros¹⁰². No mesmo ano, em abril, publicou um artigo no terceiro número da revista *Luz e Vida*, no mesmo número onde se encontram artigos de Fernão Boto Machado, Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, Alfredo Pimenta, Heliodoro Salgado, Castro Alves, Bento Faria, José Augusto de Castro, José Paulo, José Bacellar¹⁰³. Campos Lima, então com 27 anos, escrevia já ao lado de importantes figuras do panorama político e cultural português.

Outra importantíssima atividade que Campos Lima proporcionou foi a publicação, juntamente com Alfredo Pimenta, do jornal *A Éra Nova*, que apareceu a 3 de fevereiro de 1906, enquanto órgão do Núcleo de Educação Anarquista (NEA)¹⁰⁴. Muito pouco se sabe sobre este núcleo. São conhecidas as várias personalidades, de profissões distintas, que a ele pertenciam¹⁰⁵, sabe-se

⁹⁹ *A Verdade*, nº 1, 17 de outubro de 1903, transcrito em João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit., p. 23-26.

¹⁰⁰ Idem, p. 47.

¹⁰¹ Idem, p. 48.

¹⁰² *Resistência*, Coimbra, nº 988, 19 de março de 1905, p. 2.

¹⁰³ *Resistência*, Coimbra, nº 999, 30 de abril de 1905, p. 2.

¹⁰⁴ *Resistência*. Coimbra, nº 1082, 22 de fevereiro de 1906, p. 3.

¹⁰⁵ “Alfredo Pimenta, terceiranista de direito; Angelo Vaz, médico; António Luiz Gomes da Silva, quintanista de direito; Araújo Pereira, actor, com curso do conservatório; Bento Faria, jornalista; Campos Lima, quartanista de direito; Eduardo de Almeida, advogado; Emílio Costa, estudante de engenharia; Ernesto Carneiro Franco, segundanista de direito; Gonçalves Preto, segundanista de direito; Joaquim José de Oliveira, quartanista de direito, Joaquim Pinto Ramos, guarda-livros; José Joaquim Ribeiro, farmacêutico; Lopes de Oliveira, bacharel em direito e professor do liceu; Manuel de Oliveira, médico; Pulido Valente, segundanista de medicina; Ronaldo Figueiredo, actor; Rosalina Ferreira, aluna da Academia de Belas Artes de Lisboa; Simões Coelho, actor, com o curso do conservatório”. Cf. *A Éra Nova*, Coimbra, nº 1, 3 de fevereiro de 1906, p. 1.

que a sua organização tinha por fim “a maior solidarização dos esforços individuais, para realizar uma propaganda mais intensa e metódica, que se não obteria sendo feita isoladamente” e que os seus objetivos eram a “vulgarização das ideias libertárias em folhetos, conferências, sessões operárias, não descurando também a ação por meio do jornal”¹⁰⁶. Em fevereiro de 1906, o NEA edita a primeira obra, *A Questão Social*, de Campos Lima, que se tratava de uma Conferência que este tinha proferido na Liga das Artes Gráficas do Porto, a 22 de outubro de 1905, onde proclamou as suas orientações libertárias e falou sobre a organização dos trabalhadores em associações, baseadas na fraternidade e na solidariedade, cuja finalidade seria organizar a classe para que esta, em torno, pudesse organizar a greve geral¹⁰⁷. Pela falta de documentação existente é possível supor que o NEA não tenha conseguido realizar os seus objetivos de divulgar as ideias libertárias em folhetos ou jornais. Contudo, a própria iniciativa, o apoio que recebeu e o número de membros demonstra já uma rede de pessoas afetas às ideias libertárias.

É possível afirmar que o próprio Campos Lima considerava a criação deste núcleo, e a publicação do seu órgão de imprensa, uma atividade de grande envergadura já que no seu relato sobre a greve académica, que publicará no ano seguinte, atribuíra grande importância a esta iniciativa considerando-a até como um dos delitos mais graves que cometeu enquanto estudante antes do episódio da greve académica¹⁰⁸.

Conhecem-se 20 números d'*A Éra Nova*, entre 3 de fevereiro e 30 de junho de 1906. É um jornal de orientação assumidamente anarquista, vendido em Lisboa, Coimbra e Setúbal, que tem como pressuposto haver apenas uma forma de alcançar a “independência moral, intelectual e social: a negação da autoridade”¹⁰⁹. É um jornal que protesta contra o ensino da Universidade¹¹⁰, que se mostra cético em relação à República¹¹¹ e que se esforça por divulgar alguns textos de escritores anarquistas estrangeiros, como Reclus, Kropotkin

¹⁰⁶ *A Éra Nova*, Coimbra, nº 1, 3 de fevereiro de 1906, p. 2.

¹⁰⁷ João Campos Lima, *A Questão Social*, Coimbra, Edição N.E.A. Tipografia Democrática de Coimbra, 1906. Disponível: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09776.005> (consultado a: 15-05-2025).

¹⁰⁸ João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit., p. 75. O outro delito foi a proposta apresentada em assembleia geral para que se reclamasse um exame médico-legal ao Dr. Calisto, por suspeita de “sofrer de alienação mental”, que foi aprovada unanimemente, tendo sido nomeada uma comissão, da qual Campos Lima faz parte, que elaborou um documento ao governo fazendo a mesma reclamação.

¹⁰⁹ *A Éra Nova*, Coimbra, nº 1, 3 de fevereiro de 1906, p. 1.

¹¹⁰ “Pela Universidade”, *A Éra Nova*, Coimbra, nº 2, 10 de fevereiro de 1906, p. 1.

¹¹¹ “A admirável República!”, *A Éra Nova*, Coimbra, nº 2, 10 de fevereiro de 1906, p. 1.

e Malatesta, trazendo para o espaço académico coimbrão discussões teóricas sobre os princípios anarquistas¹¹². O texto mais significativo, publicado em 6 partes, é da autoria de Campos Lima, intitulado “Anarquistas e republicanos”, que, para António Ventura, é a “mais importante contribuição teórica dessa época para o debate em torno do intervencionismo”¹¹³, no qual questionava como deveriam proceder os anarquistas em virtude da implantação de uma República em Portugal, se deveriam auxiliar os republicanos, ou manter-se “puros anarquistas” rejeitando a política dos partidos, concluindo que a atitude dos anarquistas deveria ser “aberta e desafogadamente anarquista, sem nos determos por considerações que no fundo jogam apenas com os interesses e os egoísmos burgueses”¹¹⁴.

Embora escape um pouco ao âmbito do presente artigo, é importante mencionar que toda esta bagagem anarquista irá tornar Campos Lima num dos mais importantes e conhecidos intelectuais anarquistas portugueses, tanto nas suas várias participações em grupos e na imprensa como na sua eloquência e combatividade discursiva. A sua preocupação desde estudante com o estado do ensino na Universidade caminhava a par com a sua preocupação em relação à questão social e aos temas políticos. A sua combatividade em nada abrandou depois de terminado o seu período de estudante, em parte porque, como ele próprio escreverá mais tarde, numa obra publicada em 1925 que reúne artigos escritos anos antes, “[o]s problemas que se nos apresentam são ainda os mesmos e continuam sem solução”¹¹⁵. Esta obra, editada em 1925 pela Editora Spartacus, fundada pelo próprio Campos Lima, viria a tornar-se numa das mais importantes obras do anarquismo português. Defendendo uma transformação social profunda, enquanto criticava o sistema político português e propunha alternativas libertárias, a obra constitui uma análise relevante dos problemas estruturais da época vistas sob o prisma da teoria libertária. Partindo de uma crítica à República, considerando que nada se alterou com a mudança de

¹¹² Transcrevem-se: 2 artigos de Charles Albert (nº 4, 24 de fevereiro de 1906, p. 2 e nº 6, 10 de março de 1906, p. 2); 2 artigos de Elisée Reclus (nº 7, 17 de março de 1906, p. 3 e nº 10, 7 de abril de 1906, p. 2); 3 artigos de Piotr Kropotkin (nº 11, 14 de abril de 1906, p. 4; nº 15, 19 de maio de 1906, p. 3-4 e nº 16, 26 de maio de 1906, p. 3-4); 1 artigo de Jean Grave (nº 14, 14 de maio de 1906, p. 2-3); e 3 artigos de Errico Malatesta (nº 15, 19 de maio de 1906, p. 2-3; nº 16, 26 de maio de 1906, p. 4; nº 18, 9 de junho de 1906, p. 2-3).

¹¹³ António Ventura, *Anarquistas, Republicanos e Socialistas...*, cit., p. 191.

¹¹⁴ “Anarquistas e republicanos”, Parte I, *A Éra Nova*, Coimbra, nº 4, 24 de fevereiro de 1906, p. 1. Continua em: Parte II (nº 5, 3 de março de 1906, p. 1-2); Parte III (nº 6, 10 de março de 1906, p. 1-2); Parte IV (nº 7, 17 de março de 1906, p. 1); Parte V (nº 8, 24 de março de 1906, p. 1-2); Parte VI (nº 9, 31 de março de 1906, p. 1-2).

¹¹⁵ João Campos Lima, *A Revolução em Portugal*, Lisboa, Edições Spartacus, 1925, p. 5.

regime, Campos Lima aproxima-se de uma defesa do possibilismo, isto é, de um reformismo pragmático, que não era muito comum entre os intelectuais libertários portugueses, defendendo um programa para uma república federal e libertária. Trata-se de uma explanação de um anarquismo português, ou melhor, da teoria libertária aplicada ao contexto português, fruto de uma análise do seu meio social e político, com uma proposta de organização social libertária concreta.

Na década de 1920 Campos Lima apresentava um anarquismo maduro, fundamentado e carregado pela sua extensa experiência enquanto autor e orador que adquiriu durante o seu tempo de estudante em Coimbra e que nunca deixará de divulgar. Por exemplo, em 1926, Campos Lima realiza uma conferência na Universidade Popular Portuguesa, que é editada em livro nesse ano pela mesma Editora Spartacus¹¹⁶. Aqui, aborda o anarquismo como teoria política libertária contrária ao autoritarismo, enfatiza a negação da autoridade organizada, e do Estado, defende a liberdade individual e a posse coletiva dos meios de produção, e explica que os libertários defendem uma sociedade baseada na reciprocidade e na organização social sem imposições autoritárias, dividindo-se em correntes que variam quanto à propriedade. A experiência como defensor e divulgador do anarquismo que Campos Lima inicia em Coimbra, servirá de mote para as suas intervenções futuras.

Campos Lima e Pinto Quartim em Coimbra

Durante o período de atividade propagandística, enquanto estudante, Campos Lima mudou de casa duas vezes. Em 1902 morava na rua da Trindade, nº 25¹¹⁷, em 1903 na rua de Subripas, nº 26¹¹⁸ e, a partir de 1904, passa a morar nos Palácios Confusos, nº 8¹¹⁹. A “República dos Palácios Confusos”, como era conhecida na altura, era a residência de um estudante mais velho, com quem Campos Lima convive durante muito tempo, e muito conhecido no espaço coimbrão: Alberto Costa, mais conhecido por Pad Zé.

¹¹⁶ João Campos Lima, *A Teoria Libertária ou o Anarquismo*, Lisboa, Edições Spartacus, 1926.

¹¹⁷ “Secção V - Cap. VII”, *Anuário da Universidade de Coimbra: anno lectivo de 1902-1903*, Coimbra, Imprensa da Universidade, p. 111.

¹¹⁸ “Alunos matriculados. Direito - Segundo anno”, *Anuário da Universidade de Coimbra: anno lectivo de 1903-1904*, Coimbra, Imprensa da Universidade, p. 197.

¹¹⁹ “Índice Geral de Todo o Pessoal Universitário”, *Anuário da Universidade de Coimbra: anno lectivo de 1904-1905*, Coimbra, Imprensa da Universidade, p. 242; “Índice Geral de Todo o Pessoal Universitário”, *Anuário da Universidade de Coimbra: anno lectivo de 1905-1906*, Coimbra, Imprensa da Universidade, p. 262.

Pad Zé era uma personalidade tão conhecida no meio coimbrão, académico e fora dele, que quando sai de Coimbra, em 1904, o jornal local *O Conimbricense*, dedica-lhe uma nota de despedida¹²⁰. Por volta de 1903-1904, o grupo de amigos de Pad Zé, constituído pelos estudantes Carlos Mendonça (“Pae Mendonça”), Aníbal Soares, Carlos Amaro, Campos Lima, António Mello e o anarquista brasileiro António Gomes da Silva, frequentavam regularmente a casa do estudante António Cerqueira, um palacete na rua da Ilha conhecido como o “202” (uma referência à *Cidade e as Serras* de Eça de Queirós)¹²¹. Esta casa tornou-se o ponto de encontro para os jantares do grupo que com frequência lá iam “refazer as nossas forças nos licores e nos pratos raros dos jantares do 202”¹²². Por vezes passavam a noite “lendo, conversando, ou ameaçando o Cerqueira com a destruição violenta do pomposo palacete, no dia das reivindicações, pela multidão faminta e vingadora, à voz do anarquista Campos Lima”¹²³. Depois de António Cerqueira regressar à sua cidade natal de Amarante, o “202” fechou e Pad Zé e Pae Mendonça, após terem passado um tempo numa república abandonada na Fonte do Castanheiro, regressaram aos Palácios Confusos¹²⁴. Iniciado o novo ano escolar, em que Pad Zé e Pae Mendonça são quintanistas, Gomes da Silva e Campos Lima vão pedir para ali viver. Segundo Pad Zé, a casa “entrou em completa confusão e desordem”¹²⁵. É então assim que Campos Lima, e o anarquista brasileiro Gomes da Silva, começam a morar nos Palácios Confusos.

Quanto a Gomes da Silva, pouco se sabe. Um ano mais velho que Campos Lima, partilhou com ele a casa dos Palácios Confusos e o seu nome aparecia na lista de membros do NEA¹²⁶. Em Coimbra, nos seus tempos de estudante, destacou-se pela sua escrita teatral e, pelo menos desde 1903, as suas peças eram representadas em saraus académicos promovidos pela Associação Académica, tendo até participado num concurso literário no qual uma das suas peças, de entre 60, foi aprovada com mérito¹²⁷. O periódico republicano *Resistência* descrevia Gomes da Silva como “um dos rapazes de mais espírito da atual geração académica”¹²⁸.

¹²⁰ *O Conimbricense*, nº 5:921, 27 de agosto de 1904, p. 1-2.

¹²¹ Alberto Costa, *O livro do Doutor Assis...*, cit., p. 186.

¹²² Idem, p. 187.

¹²³ Idem, p. 188.

¹²⁴ Idem, p. 193.194.

¹²⁵ Idem, p. 195.

¹²⁶ Para uma breve biografia de Gomes da Silva veja-se João Carlos Marques, *Um indesejável...*, cit., p. 86-96.

¹²⁷ *Resistência*, Coimbra, 5 de fevereiro de 1903, nº. 772, p. 1.

¹²⁸ *Resistência*, Coimbra, 26 de março de 1903, nº. 784, p. 2.

O convívio no “202”, com o grupo de Pad Zé, o convívio com o anarquista Gomes da Silva e o tempo na república dos Palácios Confusos foram determinantes para a vida estudantil de Campos Lima e para o seu pensamento anarquista. Por exemplo, é possível supor que a administração do semanário *A Éra Nova* era nos Palácios Confusos, já que, em 1906, a correspondência era endereçada para a morada de Campos Lima¹²⁹.

Como se referiu, a 4 de novembro de 1905, com a entrada nos novos estudantes na Universidade de Coimbra, preparava-se um sarau para os receber¹³⁰. Nesse sarau, Campos Lima, perante João Franco, proferiu, como se viu, um discurso provocador criticando o ensino da Universidade. O estudante António Pinto Quartin, tendo-se matriculado em outubro, assistiu a este discurso, que nele teve grande impacto.

António Pinto Quartin viria a tornar-se numa das mais importantes figuras do movimento anarquista luso-brasileiro¹³¹. Alexandre Vieira, na sua obra *Figuras Gradadas do Movimento Social Português*, considera a obra incompleta por não incluir, entre outros, Pinto Quartin. No entanto, depois da morte deste, Alexandre Vieira, possivelmente em preparação de um segundo volume da obra que nunca se publicou, esboça uma biografia com o título “António Pinto Quartin: jornalista de vanguarda”¹³².

Quartin mostra desde cedo um olhar atento e crítico da realidade. Chegado a Coimbra, em outubro de 1905, admitiu ter ficado desiludido por não ter encontrado nos lentes algo diferente do “aspeto de carrasco do professor de liceu”. Segundo o próprio, desde cedo tinha “um temperamento insurgente”, rejeitando a autoridade. Dos seus 17 aos 20 anos, Quartin viveu um período agitado, percorrendo Évora, Funchal e Coimbra, frequentando “tabernas, restaurantes ou cafés” e as tascas de Coimbra com o anarquista brasileiro Gomes da Silva. As tascas de Coimbra foram importantíssimas na definição ideológica e intelectual de muitos estudantes, servindo, nas palavras de Vicente Arnoso, no seu artigo n’*A Ilustração Portuguesa* dedicado ao tópico, como espaços de reunião e poderosos “centros intelectuais”¹³³. Esta foi uma altura importante e determinante na vida de Quartin tendo lido muitos livros e convivido com

¹²⁹ *A Éra Nova*, Coimbra, nº 1, 3 de fevereiro de 1906, p. 1.

¹³⁰ “Os Novatos”, *Resistência*, nº 1050, 2 de novembro de 1906, p. 2.

¹³¹ Acerca de Pinto Quartin, entre outras obras, veja-se: João Carlos Marques, *Um indesejável...*, cit.

¹³² Fundação Mário Soares, Fundo Alberto Pedroso, Pasta: 09769.140. “*Figuras Gradadas. António Pinto Quartin: jornalista de vanguarda*”, s.d. Disponível em: <http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09769.140> (consultado a 15-05-2025).

¹³³ *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, nº 101, 27 de janeiro de 1908, p.123-128.

“operários e vagabundos, bêbados e prostitutas” – experiências que o fizeram tomar consciência de que não vivia “no melhor dos mundos” e que “a miséria alastrava em toda a parte, que a sociedade estava mal organizada”¹³⁴.

Em Coimbra, Pinto Quartin entrou em contacto com uma geração politicamente ativa e relativamente radicalizada e, fruto do convívio com Campos Lima e, sobretudo, Gomes da Silva, tornou-se anarquista. Quartin conheceu os dois muito cedo, descrevendo-os como “ambos de estatura pequena, ambos de cabeleira, ambos de cara rapada, ambos de compleição fraca”. Para ele, Gomes da Silva era “um dos maiores talentos da sua geração”. O primeiro escritor anarquista que Quartin conheceu foi Tolstoi, tendo lido as suas novelas. No entanto, numa das visitas aos Palácios Confusos, Gomes da Silva levou Quartin a uma estante com livros, na chaminé da cozinha, e ofereceu-lhe um exemplar de *A Moral Anarquista* de Kropotkin. Conta que o leu todo nessa noite e que foi esse livro que despertou nele o “apetite de conhecer mais alguma [coisa] sobre o anarquismo”¹³⁵. Esta obra do anarquista russo circulava pelo menos desde 1901¹³⁶ e já se encontrava à venda na administração do semanário anarquista *A Éra Nova*, que se localizava, possivelmente, como se disse, no número 8 dos Palácios Confusos, onde moravam Campos Lima e Gomes da Silva. Desde cedo, Quartin tornou-se assíduo frequentador dos Palácios Confusos e é aos escritos da revista *A Éra Nova* e à obra de Tolstoi, Kropotkin e Reclus, que vai buscar a sua inspiração e a sua orientação inicial no campo anarquista¹³⁷.

Até ao seu tempo de Coimbra, Quartin sempre se considerou republicano “de alma e coração”, tendo-se filiado no Centro Republicano Académico logo quando é fundado, embora não se tenha sentido realizado devido à “indolência dos meus correligionários”¹³⁸. O Centro Republicano de Coimbra, fundado a 28 de janeiro de 1906, é presidido por Carlos Amaro e a ele pertencem algumas das personalidades que estariam na vanguarda da greve de 1907, como Carlos Olavo e Ramada Curto¹³⁹. Na sessão solene de abertura do Centro discursaram,

¹³⁴ Arquivo de História Social, ICS, Fundo PQ, Espólio Pinto Quartin, PT-AHS-ICS PQ-DOC-567. António Pinto Quartin, *Como me tornei anarquista* (manuscrito), s.d..

¹³⁵ Arquivo de História Social, ICS, Fundo PQ, Espólio Pinto Quartin, PT-AHS-ICS PQ-DOC-567. António Pinto Quartin, *Como me tornei anarquista...*, cit..

¹³⁶ Em setembro de 1901, o jornal *O Mundo* anunciava que o opúsculo *A moral anarquista* de Kropotkin tinha sido traduzido e publicado pela Biblioteca Sociológica de Coimbra. Cf. Alexandre Samis, *Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquista e o sindicalismo revolucionário em dois mundos*, Lisboa, Letra Livre, 2009, nota 189, p. 90.

¹³⁷ Em março de 1906, o nome de Quartin aparece entre os assinantes d’*A Éra Nova*, com uma contribuição de 900 réis. Cf. *A Éra Nova*, Coimbra, nº 9, 31 de março de 1906, p. 4.

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ Alberto Lamy, *A Academia...*, cit., p. 171.

entre outros, Bernardino Machado, Manuel de Arriaga, Brito Camacho, António José de Almeida, Afonso Costa¹⁴⁰. Logo se começou a publicar o seu órgão de imprensa, *Pátria*¹⁴¹. O discurso de Bernardino Machado, que mereceu transcrição nas duas primeiras páginas do jornal *Resistência*, no número de 1 de fevereiro de 1906, criticava o ensino e o governo e encorajava a que os estudantes se revoltassem¹⁴².

Este discurso, bem como outras intervenções de Bernardino Machado, alimentou o clima que tornou possível o protesto no ano seguinte. Mas este sentimento de revolta iniciara-se já antes. Nos primeiros anos do Centro figuravam estudantes como Ramada Curto, António Granjo, Carlos Olavo e Carlos Amaro que, juntamente com outros, serão os assinantes de um manifesto revolucionário de um grupo de “estudantes revolucionários de Coimbra”, que se publicará a 4 de dezembro de 1906¹⁴³. Neste manifesto, os estudantes reivindicam que “D. Carlos seja o último representante duma dinastia d’ineptos”, no fundo, que se faça a República¹⁴⁴.

Apesar de Quartin só ter publicado a sua profissão de fé do anarquismo depois de sair de Coimbra, em novembro de 1907, com o opúsculo *Mocidade Vivei!*, é claro que a influência do pensamento anarquista já pesava nas suas decisões, ações e posições políticas e sociais¹⁴⁵. Neste opúsculo é clara a sua linha doutrinária, bebendo sobretudo de Elisée Reclus, “o maior geógrafo do mundo”, Herbert Spencer, “o mais eminente sociólogo moderno”, Henrik Ibsen, “o maior dramaturgo de todos os tempos” e Kropotkin, “o mais poderoso cérebro da Europa contemporânea”¹⁴⁶.

Toda esta influência ideológica que Quartin recebe das obras que lê, do ambiente revolucionário que encontra em Coimbra e do convívio com Gomes de

¹⁴⁰ *Resistência*, Coimbra, nº 1075, 28 de janeiro de 1906, p. 2.

¹⁴¹ *Pátria*, nº 1, 19 de março de 1906. Disponível em: <https://am.uc.pt/republica/item/66691> (consultado a 20-05-2025).

¹⁴² *Resistência*, Coimbra, nº 1076, 1 de fevereiro de 1906, p. 1-2.

¹⁴³ De entre os 110 alunos que o assinaram, das faculdades de Direito, Medicina, Matemática e Filosofia, contavam-se os nomes António Pinto Quartin, Armando Marques Guedes, Alfredo Pimenta, António Granjo, Carlos Olavo, Ramada Curto, Carlos Amaro e de Campos Lima.

¹⁴⁴ Museu da Presidência da República, Fundo António José de Almeida. “Ao Paíz. Dos Estudantes Revolucionários de Coimbra”, 4 de dezembro de 1906, Coimbra, Typ. Literária. PT/MPR/AAJA/CX390/0065. Disponível em <https://www.arquivo.museu.presidencia.pt/viewer?id=134962&FileID=601285&recordType=Description> (consultado a 10-06-2025).

¹⁴⁵ Acerca do opúsculo *Mocidade, Vivei!*, veja-se: João Carlos Marques, *Um indesejável...*, cit., p. 119-136.

¹⁴⁶ António Pinto Quartin, *Mocidade, Vivei!*, Lisboa, Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira & C^a, 1907, p. 32-33.

Silva e Campos Lima nos Palácios Confusos, são relevantes para compreender a realidade coimbrã por altura da greve académica de 1907. Viu-se já que a profusão inicial de ideias radicais de pensadores libertários ainda no século XIX tornou a geração de Eça e Antero numa geração combativa que se revoltava contra o ensino da Universidade e contra o regime vigente. As ideias relativas a um novo ensino, integral e livre, tiveram algum impacto na mentalidade dos estudantes, quer anarquistas, quer republicanos. Não é por acaso, por exemplo, que a iniciativa de Campos Lima de criar um escola livre, à semelhança da escola de Faure que visitou em Rambouillet – embora se conheça pouco sobre a iniciativa –, tenha tido uma adesão considerável por parte de figuras públicas como Teófilo Braga, Bernardino Machado, Manuel d’Arriaga e António José de Almeida¹⁴⁷.

A participação de Pinto Quartin nos protestos académicos é pouco conhecida, sabendo-se, pelo acórdão do Conselho de Decanos que também “tomou parte e se salientou nas manifestações”, tendo-se colocado à frente do Dr. Caeiro da Mata incitando-o que saísse da sala¹⁴⁸. Na sua obra memorialística o já convertido anarquista Pinto Quartin afirmava que o movimento de 1907 almejava a solidariedade para com um colega expulso ao mesmo tempo que carregava em si o peso dos protestos das décadas anteriores contra o ensino da Universidade, já que pretendia contrariar o “caráter obsoleto e autoritário da Universidade”¹⁴⁹. Para ele, e certamente para muitos outros, revoltarem-se contra a decisão dos lentes nada mais era do que uma obrigação moral. Por isso mesmo Pinto Quartin considera: “[n]ão mereço louvores por ter cumprido o que entendi ser o meu dever”¹⁵⁰.

Campos Lima e a greve académica de 1907

Todo o percurso de Campos Lima em Coimbra e a experiência que foi ganhando como orador, autor e agitador, desaguam no episódio do protesto académico. Quando rompem os protestos depois da reprovação de José Eugénio

¹⁴⁷ *Resistência*, Coimbra, nº 1180, 7 de fevereiro de 1907, p. 2.

¹⁴⁸ “O acórdão do Conselho de Decanos que expulsou da Universidade sete estudantes” in Alberto Xavier, *História...*, cit., p. 200.

¹⁴⁹ António Tomás Pinto Quartin, “«In illo tempore...». A greve académica de Coimbra em 1907”, *Ver e Crer*, 45, Lisboa (1949), p. 3.

¹⁵⁰ Arquivo de História Social, ICS, Fundo PQ, Espólio Pinto Quartin, PT AHS-ICS PQ-DOC-507. Item 507 - *Textos de Pinto Quartin sobre a Questão Académica de 1907*. António Pinto Quartin, *Eu e a questão académica: o meu processo académico* (manuscrito), Lisboa, 18 de outubro de 1907.

Ferreira os estudantes iniciam logo uma manifestação que se estende até às ruas da Baixa de Coimbra. Aí, da janela da livraria França Amado, foi Campos Lima que, incitado pelos colegas, discursou para a multidão, tendo as suas palavras sido “recebidas com aplausos e gritos”¹⁵¹. Segundo o acórdão do Conselho de Decanos, o discurso de Campos Lima terá sido violento, com insultos contra a “canalha” da Faculdade de Direito e incitações à revolta¹⁵².

Não parece um acaso que o primeiro orador e instigador do movimento tenha sido Campos Lima. Como se viu, estava habituado a discursar para multidões e a instigar quem o ouvia a revoltar-se. Os seus discursos, mesmo em congressos republicanos, eram bastante elogiados e aplaudidos. Não é também de estranhar que muitos dos seus colegas politicamente mais ativos já o tivessem ouvido discursar em alguma ocasião estando cientes, por isso, das suas capacidades. Não se tem a certeza das palavras de Campos Lima neste discurso, mas na sua obra memorialística sobre o movimento académico, reconstitui o discurso de memória e terá dito que o episódio da reprovação do colega de Direito era apenas um símbolo daquilo que os estudantes deviam almejar mudar, “representando neste momento a tendência moderna do ensino”¹⁵³.

Estas palavras são sintomáticas das preocupações de Campos Lima. Ao pretender fazer de José Eugénio Ferreira um símbolo de um movimento contra o ensino na Universidade, tentando mostrar que a própria reprovação do colega, de forma unânime, é “a prova mais completa e decisiva” do que está errado com o ensino na Universidade¹⁵⁴, Campos Lima aproveitava um movimento de massas para promover os seus ideais. Com efeito, sempre preocupado com os seus princípios, é possível afirmar que o episódio da reprovação do colega de Direito, e o movimento grevista que despoletou, foram aproveitados por Campos Lima para aí divulgar os seus princípios e radicalizar quantos podia. Ele próprio admitirá, cerca de nove meses depois da greve, que o movimento serviu principalmente para “unir e identificar aqueles que até então protestavam isoladamente”¹⁵⁵.

A posição de Campos Lima como principal instigador e como líder do movimento, como o Conselho de Decanos reconheceu, não se ficou apenas pelo seu discurso na Baixa de Coimbra. Belisário Pimenta, um interveniente

¹⁵¹ *Resistência*, Coimbra, nº 1185, 28 de fevereiro de 1907, p. 1.

¹⁵² “O acórdão do Conselho de Decanos que expulsou da Universidade sete estudantes” in Alberto Xavier, *História...*, cit., p. 199. O referido acórdão encontra-se integralmente transcrito. Cf. p. 197-203.

¹⁵³ João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit., p. 98-103.

¹⁵⁴ *Idem*, p. 101.

¹⁵⁵ *Resistência*, Coimbra, nº 1256, 3 de novembro de 1907, p. 1.

e relator da greve, que nunca conheceu Campos Lima, tendo-o visto nas ruas e cidade e tendo ouvido falar muito dele, contava que o que havia de notável nele era “a coerência dos atos com as ideias”¹⁵⁶. Com efeito, Campos Lima, além dos discursos, fez ativamente parte de todo o processo que se desenrolou a partir do início do protesto. Naquela mesma noite de 28 de fevereiro, depois de levar José Eugénio Ferreira a casa, a Academia reuniu no Gymnasio, às 19 horas, e nomeou-se uma comissão que deveria pedir a revisão da decisão das provas, da qual Campos Lima fazia parte¹⁵⁷. Na manhã seguinte, mesmo não tendo aulas àquela hora, Campos Lima compareceu nos Gerais para participar e dirigir os tumultos e foi ele quem provocou a assuada contra o Dr. Alberto dos Reis, que passava para a sua aula. Passados menos de dois meses do sucedido, a 2 de abril, o acórdão do Conselho de Decanos, considerava mesmo que, dentre os estudantes, “se salientou como principal autor, por instigação essencial e execução, João Evangelista de Campos Lima”¹⁵⁸. A comissão que Campos Lima integrava foi responsável por levar as reclamações dos estudantes a Lisboa, dando uma dimensão verdadeiramente nacional ao movimento coimbrão. A sua militância, iniciada mesmo antes de ser estudante, atinge, na greve de 1907, o seu apogeu.

Na madrugada de 2 de abril terminava a reunião do Conselho de Decanos, que decide expulsar sete estudantes. Desses sete, quatro foram expulsos por um ano letivo e três foram expulsos por dois. O jornal *Resistência* afirmou que “não há nestes pretendidos cabeças de motim um só monárquico”¹⁵⁹, mas havia dois anarquistas. Não por acaso, devido à sua forte participação, Campos Lima estava entre os que receberam a pena maior de dois anos de expulsão e Pinto Quartin entre os que receberam a pena menor de um ano.

Campos Lima estava no Porto quando recebeu a notícia da sua expulsão, mas logo partiu para Lisboa para continuar a ajudar os colegas nos esforços de organização da greve, para dinamizar reuniões e discursar. É interessante analisar os três dias que Campos Lima esteve em Lisboa. Na sexta-feira, dia 5 de abril, o jornal *O Século* noticia que Campos Lima, que se encontrava no Porto, deveria ter chegado a Lisboa no dia anterior, na quinta-feira, mas só na manhã de sexta-feira lá chega¹⁶⁰. No dia seguinte, no sábado, Campos Lima

¹⁵⁶ Belisário Pimenta, “João Evangelista Campos Lima”, *Vértice. Revista de Cultura e Arte*, XVI, 153 (1956), p. 303.

¹⁵⁷ *O Conimbricense*, nº 6:179, 2 de março de 1907, p. 2.

¹⁵⁸ “O acórdão do Conselho de Decanos que expulsou da Universidade sete estudantes” in Alberto Xavier, *História...*, cit., p. 199.

¹⁵⁹ *Resistência*, Coimbra, nº 1195, 4 de abril de 1907, p. 2.

¹⁶⁰ *O Século*, nº 9:080, sexta-feira, 5 de abril de 1907, p. 1.

assiste à reunião da comissão dos estudantes, realizada no Ateneu Comercial. No diário lisboeta refere-se que os seus colegas o receberam “entusiasticamente, abraçando-o e fazendo soar uma prolongada salva de palmas”¹⁶¹. Os estudantes tentaram ainda realizar um comício que acaba por ser adiado, como já tinha sido nos dias anteriores, por não se terem obtido as licenças necessárias à sua realização¹⁶². No dia seguinte, domingo, dia 7, os estudantes, não tendo conseguido realizar o comício, fazem reunião geral no Ateneu Comercial. No final da reunião é concedida a palavra a Campos Lima, depois a Pulido Valente e, por fim, a Alberto Xavier e Carlos Olavo¹⁶³. Tem-se conhecimento do discurso proferido por Campos Lima nessa ocasião, que o próprio reproduz no seu relato. Considerando que a sua viagem a Lisboa, e dos restantes colegas, tinha o propósito de demonstrar “a justiça do nosso movimento de protesto”, Campos Lima aplaude todos os estudantes das escolas portuguesas por terem aderido ao protesto e à greve¹⁶⁴. Termina afirmando que, mesmo expulso da universidade e afastado da cidade de Coimbra, continuará a acompanhar os protestos e estar próximo dos seus colegas. Campos Lima, mesmo em Lisboa, continuava a incitar os seus companheiros à revolta.

Foi nesse domingo à noite que os estudantes Campos Lima, Ramada Curto, Carlos Olavo, Alberto Xavier e Pinho Ferreira decidem voltar para Coimbra, violando deliberadamente o foro académico que os impedia de permanecer ou entrar na cidade. Já nessa noite de domingo corriam boatos em Coimbra de que cinco dos estudantes expulsos regressaram à cidade, pelo que estes devem ter informado os colegas coimbrãos do seu plano¹⁶⁵. Campos Lima conta a viagem no seu relato. Para evitar serem apanhados pelo revisor ou pela polícia, optaram por sair na estação de Taveiro e fazer o caminho a pé para a cidade. Saídos em Taveiro, por volta das 3 horas da madrugada, são recebidos por um polícia disfarçado que se oferece para os acompanhar¹⁶⁶. Campos Lima e os colegas perceberam que se tratava de um polícia, mas optam, nas suas palavras, por se manter “na boca do lobo”¹⁶⁷. Chegados a Bencanta, esperava-os um grupo de polícias que os acompanha até ao edifício do governo civil, no Largo da

¹⁶¹ *O Século*, nº 9:081, sábado, 6 de abril de 1907, p. 1.

¹⁶² *O Século*, nº 9:082, domingo, 7 de abril de 1907, p. 5.

¹⁶³ *O Século*, nº 9:083, segunda-feira, 8 de abril de 1907, p. 1.

¹⁶⁴ João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit., p. 139-141.

¹⁶⁵ *O Século*, nº 9:084, terça-feira, 9 de abril de 1907, p. 6.

¹⁶⁶ João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit., p. 143-149. Cf. *O Século*, nº 9:085, quarta-feira, 10 de abril de 1907, p. 5.

¹⁶⁷ João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit., p. 149.

Feira, onde são, finalmente, presos, na manhã de segunda-feira¹⁶⁸. Campos Lima partilhava cela com Pinho Ferreira. Noutra parte do edifício ficaram Carlos Olavo, Ramada Curto e Alberto Xavier. Mesmo durante o tempo preso, Campos Lima ironiza a sua condição. Improvisa uma cama de rede, atando a capa às grades da porta para evitar tocar no chão húmido, recusa o almoço enquanto não lhes facultassem água para se lavarem e ainda pediu jornais e vinho aos guardas¹⁶⁹.

No segundo dia de cárcere, às 22 horas, António Granjo conseguiu falar com os estudantes presos. *O Século*, que relata este encontro, mostra-se solidário com os estudantes, que foram tratados com condições “que nem sempre se usam com criminosos célebres e temíveis”¹⁷⁰. Libertados na noite de terça-feira, dia 9, são obrigados a sair de Coimbra. Campos Lima foi enviado para o Porto, tendo partido no comboio das 20h50, enquanto os outros quatro estudantes foram enviados para Lisboa, seguindo no comboio da meia-noite¹⁷¹. Na manhã seguinte, os quatro estudantes chegam a Lisboa e Campos Lima chega ao Porto, tendo sido recebido por muitos estudantes que o aplaudiram. Foi levado para a esquadra do governo civil e depois foi acompanhado por um polícia até sua casa¹⁷². No seu relato, refletindo sobre o seu tempo preso, Campos Lima considera que em nada abalou a sua motivação: “Depois da saída da prisão a situação para cada um de nós continuou a ser a mesma”¹⁷³.

Ao longo do mês de abril a greve que se iniciara no dia 8 continuava pelo país. Em todo o lado esperava-se ansiosamente por novas notícias do governo, dos estudantes em protesto ou dos estudantes expulsos. Na cidade de Coimbra, por esses dias, multidões enchiam a cidade, sobretudo a baixa, e o “*Século* e

¹⁶⁸ No jornal *O Século*, no nº 9:084, de terça-feira, dia 9 de abril de 1907, na p. 5, a notícia que contém a informação da prisão dos cinco estudantes inicia com “Coimbra, 6 -”. Contudo, ao longo da notícia, as informações de todas as outras localidades inicia com o nome da localidade e com o número “8”. Considera-se, assim, que se trata de uma gralha do jornal. A atestar isto, consultou-se o número 14:861, do *Diário de Notícias*, de terça-feira, dia 9 de abril de 1907, que, na p. 2, confirma que a prisão dos cinco estudantes se deu na segunda-feira, dia 8 de abril de 1907. Além disto, no seu relato, Campos Lima menciona o dia 8 de abril, dia em que abria a Universidade e se iniciaria a greve em Coimbra e no resto país, quando fala do seu “plano” para ir para Coimbra. Cf. João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit., p. 144.

¹⁶⁹ João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit., p. 157-160. Este relato de Campos Lima é confirmado por um testemunho de um dos estudantes presos, à chegada a Lisboa. Cf. *O Século*, nº 9:086, quinta-feira, 11 de abril de 1907, p. 5. O mesmo relato é reproduzido no *Diário de Notícias*. Cf. *Diário de Notícias*, nº 14:862, quarta-feira, 10 de abril de 1907, p. 2.

¹⁷⁰ *O Século*, nº 9:085, quarta-feira, 10 de abril de 1907, p. 5.

¹⁷¹ *O Século*, nº 9:086, quinta-feira, 11 de abril de 1907, p. 5.

¹⁷² *O Século*, nº 9:085, quarta-feira, 10 de abril de 1907, p. 6

¹⁷³ João Campos Lima, *A questão da Universidade...*, cit., p. 166.

outros [jornais eram] arrancados quasi à força das mãos dos vendedores”¹⁷⁴. Contudo, ao longo do mês de abril a greve vai perdendo força. A 20 de abril já só quatro escolas em Lisboa a mantinham e na semana seguinte eram já só duas¹⁷⁵.

Campos Lima tinha chegado ao Porto no dia 10 de abril. Não se tem registo do que fez, por onde andou ou se se manteve na cidade durante o resto do mês. Só a 8 de maio, aparece mencionado n’*O Século*, que publica uma declaração de Campos Lima na qual protesta contra a intervenção no conflito dos pais dos alunos ou de grupos de políticos de diferentes partidos. A consciência de movimento de massas e de movimento espontâneo de estudantes sempre fez parte do imaginário de Campos Lima ao longo de todo o movimento. Para o anarquista expulso, a academia “[t]omou uma atitude e, se a julga digna, mantém-na”, rejeitando, por isso, a amnistia dos estudantes e rejeitando uma eventual amnistia para si próprio¹⁷⁶. A 23 de maio é publicado o decreto que determinava a abertura da Universidade e permitia exames aos alunos que requeressem matrícula, isto é, que renunciassem à greve. Só um grupo de 160 estudantes, que ficou conhecido como os “Intransigentes”, recusou¹⁷⁷. A 13 de julho, o reitor da universidade, D. João de Alarcão, chegou a Lisboa e, em audiência com o chefe de estado, leu a nota assinada por 365 estudantes que pedia o indulto para os sete estudantes expulsos e para todos aqueles que ainda estavam afastados da universidade. Nesse mesmo dia o indulto foi concedido trazendo um desfecho agrídoce para os estudantes¹⁷⁸. Contudo, passaria mais de um mês até que fosse publicado o decreto oficial, a 26 de agosto. Campos Lima acabaria por se licenciar ainda em 1907 iniciando logo de seguida a sua profissão como advogado em Lisboa.

Em novembro, a *Resistência* publica um texto de Campos Lima que, como o título indica, é endereçado “Aos estudantes intransigentes”. Este texto constituiu, nas suas palavras, o seu “último protesto de estudante”. Para Campos Lima, “o movimento académico não se perdeu” porque continuava vivo nos estudantes que compreendessem que a Universidade reconheceu que mais de uma centena de estudantes “que por causa duma injustiça se não importam perder um, dois anos”. Assim, acusou o governo de ter feito parecer que o indulto era uma forma magnânima de resolver o assunto. Para ele, era simplesmente “a restituição dos

¹⁷⁴ *O Século*, nº 9:087, sexta-feira, 12 de abril de 1907, p. 5.

¹⁷⁵ *O Século*, nº 9:096, domingo, 21 de abril de 1907, p. 4; *O Século*, nº 9:102, sábado, 27 de abril de 1907, p. 5.

¹⁷⁶ *O Século*, nº 9:113, quarta-feira, 8 de maio de 1907, p. 5.

¹⁷⁷ Alberto Xavier, *História...*, cit., p. 270-276.

¹⁷⁸ *O Século*, nº 9:180, domingo, 14 de julho de 1907, p. 6. Ver ainda: Alberto Xavier, *História...*, cit., p. 311-316.

meus direitos”¹⁷⁹. Campos Lima não via no indulto uma vitória do governo, mas uma vitória dos estudantes que até ao fim se recusaram a ceder.

O episódio, embora breve, terá deixado uma marca profunda nestes estudantes. Em 1953, Ramada Curto, entrevistado para a revista *Ler*, recorda a greve como um dos momentos mais marcantes da sua vida académica¹⁸⁰. Também Pinto Quartin, com distância de 42 anos, em 1949, ainda relembra o episódio da greve que, nas suas palavras, terminara “se não vitoriosamente, pelo menos com nobreza, dignidade e elegância”, fruto da Academia que se manteve resolutamente “até à última, fiel aos seus tradicionais sentimentos de generosidade e galantaria”¹⁸¹. Já Campos Lima, no seu último texto dedicado aos seus colegas, afirma: “uma geração há de passar sobre esta geração e quando se tiver perdido a memória deles, pobres inconscientes que não souberam reagir contra velhos preconceitos, há de ficar ainda vibrando o nosso brado, há de então ser compreendido o nosso gesto”¹⁸².

Considerações finais

Desde a segunda metade do século XIX que, em Coimbra, diferentes gerações académicas imbuídas num espírito revolucionário e de insurreição confluíam para inaugurar movimentos informais contra o governo, o ensino e o regime e que, em último caso, desaguam na greve académica de 1907. É este ambiente de fervilhar político que Campos Lima encontra em 1902 e Pinto Quartin em 1905, e que se consumou como terreno fértil para um protesto como o de 1907.

A greve académica não foi apenas um protesto estudantil, foi um ponto de viragem na história política e educativa portuguesa que combinou o culminar do descontentamento da academia coimbrã em relação a um ensino desatualizado com uma retórica radical e uma mais larga crítica à Universidade e ao estado. A reprovação injustificada de um colega de Direito despoletou um enorme protesto e originou uma greve estudantil decretada pelos estudantes, tendo o Reitor encerrado a Universidade. O Conselho de Decanos respondeu ao expulsar sete estudantes, incluindo o anarquista João Evangelista Campos Lima, que

¹⁷⁹ Campos Lima, “Aos estudantes intransigentes”, *Resistência*, nº 1256, domingo, 8 de novembro de 1907, p. 1.

¹⁸⁰ “Recordar é viver”, *Ler*, Ano 2, nº 18, setembro de 1953, p. 2.

¹⁸¹ António Tomás Pinto Quartin, “«In illo tempore...», cit., p. 9.

¹⁸² Campos Lima, “Aos estudantes intransigentes”, *Resistência*, nº 1256, domingo, 8 de novembro de 1907, p. 1.

recebeu a sentença mais elevada de dois anos, pois não era a primeira vez que tinha sido identificado como participante em protestos, o que atesta à forma como a Universidade o via como agitador. Embora a influência dos estudantes anarquistas tenha sido relativamente pequena, é importante notar que, atendendo a um universo de 1050 estudantes matriculados¹⁸³, dois dos sete estudantes expulsos eram anarquistas.

O presente estudo visou, em primeiro lugar, analisar a trajetória de Campos Lima enquanto estudante de Direito em Coimbra e a sua militância anarquista durante esse período, analisando os seus discursos, artigos de imprensa e participação em congressos e atividades, e, em segundo lugar, demonstrar como o papel ativo de Campos Lima na greve académica foi dos mais importantes e como o seu posicionamento anarquista influenciou a natureza radical das suas intervenções no protesto.

Embora o anarquismo tenha sido minoritário entre os estudantes, a influência das ideias anarquistas fazia-se notar, sobretudo numa altura em que o modelo da monarquia se estava a esgotar, já fortemente contestado há mais de uma década, e o governo reprimia fortemente os estudantes nas suas manifestações. Não é, por isso, de estranhar que o discurso radical contra a autoridade, contra o estado, contra a monarquia e contra o ensino conservador da Universidade tivesse um forte eco na comunidade estudantil, republicana ou não. É de supor, ainda, que muitos estudantes envolvidos na greve frequentassem ou estivessem ligados a círculos intelectuais onde se discutiam ideias libertárias, influenciadas por Proudhon, Kropotkin ou Reclus. Relembre-se que Campos Lima marca presença nos comícios republicanos, embora divirja ideologicamente do republicanismo, e era muito aplaudido, elogiado e respeitado pelos seus discursos, pensamento e ideias que, pelo grau de elogio por parte do público, certamente não eram estranhas a quem as ouvia. A orientação mais “radical” que Campos Lima assume e que a imprensa lhe reconhece não impede o jornal republicano *Resistência* de elogiar os seus discursos e de publicar os seus textos. Assim, mesmo nos meios republicanos, Campos Lima era aplaudido e ouvido com atenção.

Analisando a trajetória de Campos Lima em Coimbra não é de estranhar que tenha liderado os protestos e que tenha sido o seu principal instigador e autor, como o próprio Conselho de Decanos admitiu. Como se viu, a reprovação injustificada do colega de Direito representava tudo aquilo que ele sempre

¹⁸³ “Estatística dos estudantes que frequentaram a Universidade de Coimbra, no ano lectivo de 1906- 1907”, Secretaria da Universidade, *Anuário da Universidade de Coimbra: anno lectivo de 1907-1908*, Coimbra, Imprensa da Universidade, p. 229.

criticara e as suas críticas encaixavam perfeitamente no ambiente de revolta que estalou no último dia de fevereiro de 1907 – e Campos Lima compreendeu-o bem. Nestas ideias, que Campos Lima sempre defendeu em Coimbra em múltiplas ocasiões desde 1903, tanto na sua crítica ao ensino da Universidade, como à sua iniciativa de criar uma Escola Livre segundo o modelo libertário da escola de Faure, ecoam as ideias anarquistas de autonomia, autogestão e liberdade no ensino, ganhando um significado palpável depois da reprovação de José Eugénio Ferreira. Por isto mesmo, figuras simpatizantes de ideias libertárias e republicanas, como Álvaro Pinto¹⁸⁴, defendem os estudantes e encorajam a que se repita a greve, defendendo ainda o programa da Escola Livre¹⁸⁵.

A extensa atividade de Campos Lima na imprensa, bem como a sua viagem a Paris, durante a qual contactou com alguns dos mais importantes anarquistas franceses da época, permitiram-lhe ser um ponto através do qual as ideias anarquistas se disseminassem ainda mais em Coimbra, embora já circulassem desde, pelo menos, meados do século XIX. O episódio da greve de 1907 demonstra ainda como a atividade de militância de um estudante anarquista que, embora não tenha agido sozinho, conseguiu inflamar os ânimos de uma comunidade estudantil a fim de transformar um episódio localizado num catalisador para um movimento que ganhou exposição e repercussões nacionais. As ideias de Campos Lima, expressas muito antes da greve, ganham um significado e uma projeção ainda maiores no seio do movimento, evidenciando-se na crítica estrutural à autoridade universitária e estatal e na promoção de ideais educativos libertários, que constituem o âmago dos protestos estudantis.

Em conclusão, o presente estudo pretendeu explorar o papel central de Campos Lima como principal instigador do protesto e demonstrar como a sua

¹⁸⁴ Álvaro Pinto é uma importante figura no panorama cultural português do século XX, fundador, com Cláudio Basto, Leonardo Coimbra e Jaime Cortesão, da revista *Nova Silva*, em 1907. Contou com colaboração de João Campos Lima, Cristiano de Carvalho, Heliodoro Salgado e outros simpatizantes do anarquismo. A revista frequentemente menciona Victor Hugo, Lev Tolstoi, Piotr Kropotkine, Friedrich Engels. Segundo Álvaro Pinto, numa carta a Jaime Cortesão, de 9 de novembro de 1951, foi a participação dos estudantes que redigiam e dirigiam a *Nova Silva* na greve académica que pôs termo a esta iniciativa. Citado por Luís Andrade, “Libertas! Libertas!”, s.d.. (Disponível em: <https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/nova-silva/foreword/presentation> (consultado a 10-06-2025)). Álvaro Pinto fundaria, em dezembro 1910, a revista *A Águia*, com Jaime Cortesão, Teixeira de Pacoaes, Leonardo Coimbra, Raul Proença e outros, de onde brotou o grupo “Renascença Portuguesa”. Cf. Rita Correia, “Álvaro Pinto”, ficha biográfica, *Hemeroteca Digital*, 2010. Disponível em: <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/recursosinformativos/biografias/Textos/AlvaroPinto.pdf> (consultado a 10-06-2025).

¹⁸⁵ Álvaro Pinto, “Traidores e covardes”, *Nova Silva*, nº 5, 10 de abril de 1907, p. 6-7; e “Escola Livre”, *Nova Silva*, nº 5, 10 de abril de 1907, pp. 9-10.

orientação anarquista influenciou a natureza radical, a linguagem contestatória e os ideais do protesto e imprimiu no movimento um tom radical, orientado para as táticas de ação direta com uma retórica fortemente anti-autoritária. Longe de se tratar de um episódio anarquista, é possível afirmar que estudantes anarquistas, como Campos Lima e, menor grau, Pinto Quartim, aproveitaram o protesto para politizar os seus colegas. É possível concluir que o papel de liderança de Campos Lima emerge como uma consequência natural da sua fama de reconhecido orador e por já na altura ser uma figura ativa na academia, e não por ser conhecido como anarquista. Contudo, a extensa atividade de militância de Campos Lima em Coimbra amplificou estas ideias e encontrou no protesto estudantil um terreno fértil para as evocar. Por isso, este estudo pretendeu argumentar também que o sucesso decisivo do movimento está inextricavelmente ligado à capacidade de Campos Lima de inflamar os ânimos dos seus colegas e de os mobilizar, como se notou pelo seu primeiro discurso do protesto de uma varanda na Baixa de Coimbra para centenas de estudantes, pela sua capacidade de redigir manifestos reivindicativos e pela sua participação nas comissões que levariam o assunto a Lisboa, dando-lhe uma dimensão nacional, e transformando um protesto estudantil de Coimbra num farol representativo do descontentamento nacional e, segundo alguns autores, no momento que serviu de ponto de partida para a instauração da república em Portugal.

